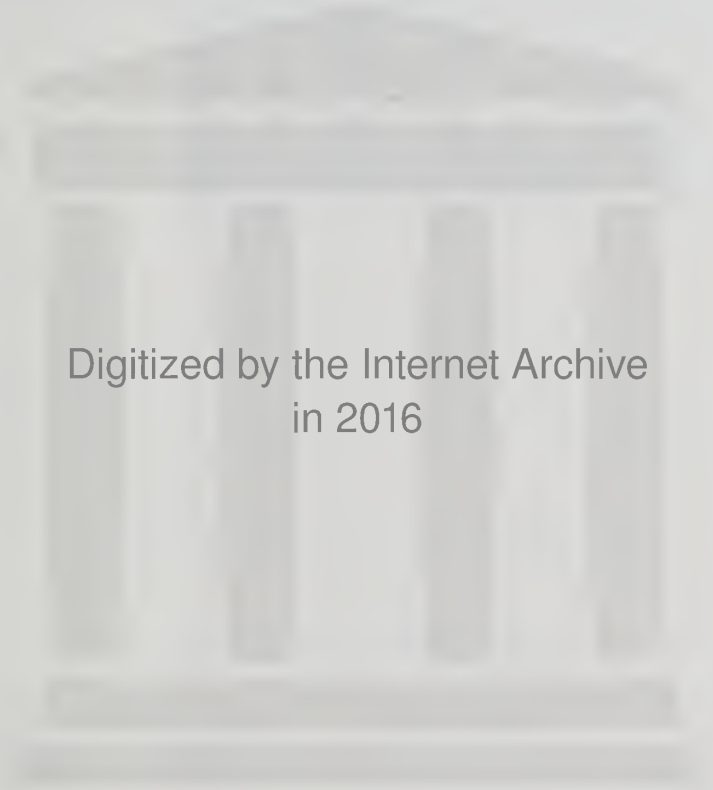
LIBRARY OF PRINCETON
NOV 10 2004
THEOLOGICAL SEMINARY

PER BR7 .U54

Znitas.


Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/unitas2111inst

LAP

UNITAS

LIBRARY OF PRINCETON
MAR 2 7 2002
THEOLOGICAL SEMINARY

Vigésimo primeiro	2	Miguel Rizzo
Religião e Sepultura	5	M. R.
Notas e Comentários	9	J. Goulart
Segundo apêlo de Albert Schweitzer	13	
Conheça a sua Bíblia	22	Júlio A. Ferreira
Noções de psicologia Religiosa	27	Samuel Figueira
Concepção cristã da raça	33	Visser't Hooft
Métodos de Evangelização	36	Oscar Arruda
Uma escolha má	39	
Religião de Palavras	43	Sabatini Lalli
Curiosidades Biográficas	49	
Sinais Perigosos	56	Lauro Bretones

PREÇO: 10,00
ANO 21 — N.º 1
JANEIRO — 1959

CURSO SUPERIOR DE RELIGIÃO
PATROCINADO PELO
INSTITUTO DE CULTURA RELIGIOSA

As aulas começam em março próximo e serão ministradas em um dos salões do Instituto Mackenzie, aos domingos à tarde. Eis, em síntese, o programa das matérias:

I. *Evolução das religiões* — Elas estão passando por acentuadas modificações. O estudo dêsse fenômeno será feito nas aulas com abundância de pormenores.

II. *Cristianismo primitivo* — A religião que a maioria da cristandade hoje representa está longe de ser igual ao cristianismo pregado e exemplificado pelos fiéis nos primeiros séculos da era cristã. Êsse tema será amplamente discutido nas aulas.

III. *Cristianismo positivo* — Existe um tipo de religião que se espraia em especulações teológicas estéreis e até perniciosas. Não é êsse o cristianismo de Cristo. Qual será? Essa resposta os alunos do Curso terão clara e muito exemplificada.

IV. *Experiência religiosa* — O cristianismo possui um sistema doutrinário fascinante. No entanto, êle não é só doutrina. Essas se refletem na experiência individual. O estudo dessa parte da religião cristã será amplamente desenvolvido nas aulas.

OBSERVAÇÕES

O curso é de três meses e vai de 1.º de março a 31 de maio.

Os alunos receberão apostilas da matéria dada. O Instituto de Cultura Religiosa dará um certificado aos que terminarem o Curso.

Durante o período das aulas os alunos terão de ler vários livros.

As pessoas que desejarem inscrever-se nesse Curso, devem fazê-lo imediatamente. Tendo aqui seus nomes e endereços, nós lhes daremos notícias mais pormenorizadas a respeito dêsse trabalho. Êle é feito com o intuito de preparar pessoas para levarem avante um grande movimento de renovação espiritual no Brasil. Peçam informações pelo telefone: 51-7499.

As aulas serão dadas pelo Secretário-Executivo do Instituto.

• Verifique se a sua assinatura está vencida ou por vencer pròximamente. Mande-nos logo a importância de Cr$ 100,00 para que lhe possamos continuar a enviar a revista regularmente.

• Ao enviar qualquer importância, faça-o em nome do Instituto de Cultura Religiosa, e não em nome pessoal de qualquer dos diretores.

• Envie-nos suas impressões sôbre a revista. Elas são de grande ajuda. Estamos procurando fazer o melhor. Mas gostaríamos de saber como nossos leitores estão vendo a sua revista. Escreva-nos.

• Pedimos também seu auxílio para o aumento do número de leitores da revista. Procure oferecer a um amigo uma assinatura anual a título de experiência.

ÚNITAS

Órgão Oficial do Instituto de Cultura Religiosa

Diretor — MIGUEL RIZZO JR.
Redator — LAURO BRETONES

Colaboradores permanentes:
Jorge Goulart, Adauto Araújo Dourado, W. J. Goldsmith, Camilo Ashcar, Oscar Arruda, Alcen Maynard Araújo, Odilon Nogueira de Matos, Mário Barreto França, José Borges dos Santos Jr. e Samuel Figueira

EXPEDIENTE

O *Rev. Miguel Rizzo Júnior*, Diretor desta revista, atenderá sòmente às têrças e quintas-feiras das 14 às 17 horas, à Rua Barão de Tatuí, 528.

Assinatura anual .. .. .. Cr$ 100,00
Número avulso .. .. .. " 10,00

Sócios do Instituto:
Mensalidade —
Interior .. .. Cr$ 20,00
S. Paulo, Rio, Recife .. " 25,00

Endereço:
Rua Barão de Tatuí n.º 528 — Caixa Postal 7.203 — Tel. 51-7499
SÃO PAULO — BRASIL

VIGESIMO PRIMEIRO

MIGUEL RIZZO JÚNIOR

Com êste número entra esta revista no vigésimo primeiro ano de sua publicação. Ela surgiu para executar um programa cuidadosamente elaborado. E não se afasta dêle.

Para que se tenha uma idéia das diretrizes que nos orientam, transcrevamos alguns trechos do artigo com que a revista se apresentou ao público:

"A realização da vida ideal depende de dois elementos essenciais — princípios verdadeiros e dinamismo eficiente para transformá-los em realidade viva na conduta.

A ausência do primeiro dêsses fatores chega a inutilizar esforços sinceros e até abnegações robustas de muitas almas nobres que almejam alcançar sucesso na formação de uma personalidade moral inteiriça.

Não só no terreno espiritual, como em todos os setores da atividade humana, os sucessos reais dependem, em grande parte, de princípios exatos. A exemplificação dessa tese é facílima, porquanto são incontáveis os fatos que a comprovam.

Aí vão alguns dêles.

Segundo a apreciação de um crítico militar arguto e franco, os insucessos reiterados de várias expedições militares que se dirigiram a Canudos se explicam, em grande parte, por um êrro de princípio. Os comandantes de algumas das expedições que ali pelejaram haviam organizado o plano da campanha em moldes clássicos, nos quais a distribuição das tropas pressupõe combates de envergadura com adversários também organizados de acôrdo com a mesma técnica militar. Não sendo êsse o caso que se verificava nos adustos sertões da Bahia, forçoso seria adotar-se ali outro cri-

tério para a organização da investida sôbre aquela cidade, hoje lendária.

Deslembrados dêsse pormenor importantíssimo, emperraram os condutores das expedições na técnica dos combates clássicos. Resultado: as maiores abnegações de oficiais briosos; os sacrifícios, às vêzes inaturaveis, de soldados heróicos; e tudo o mais que se fêz ali, no fragor da luta, não pôde evitar derrotas retumbantes e vergonhas. E elas se explicam, em grande parte, pela tresloucada reincidência no uso de inadequados princípios estratégicos.

Outro exemplo: na Idade Média, aceitava-se o princípio do direito divino dos reis. Eram êles considerados ministros de Deus e, como tais, intangíveis e abroquelados contra qualquer possibilidade de êrro. Suas ordens e caprichos eram inatacáveis. O princípio era escandalosamente falso. E quem poderá descrever os males sociais e políticos que, tràgicamente, recairam sôbre a infeliz humanidade como resultado dessa concepção falsa do direito?

Ainda outro exemplo mais comezinho e chocante. Suponhamos que um indivíduo aceite que dois e dois são cinco. E' um princípio errado. Poderia êsse indivíduo negociar? E' possível que chegasse a fazer algumas transações. E' certo, porém, que, em dado momento, êle não lograria acertar as suas contas por maior que fôsse a energia intelectual e o tempo que a isso dedicasse.

Essa hipótese é absurda, dirá alguém. Pois não é. Na vida moral e espiritual indivíduos há que aceitaram, como diretrizes da conduta, erros tão berrantes como o absurdo matemático acima aludido.

Decorre de tudo isso que a fixação de conceitos exatos da vida moral é imprescindível para a formação condígna da personalidade.

A vida religiosa não escapa, de maneira alguma, a essa exigência inflexível: doutrinas verdadeiras, não há negar, são essenciais para que haja verdadeira piedade. Os efeitos de doutrinas errôneas, como se pode exemplificar fartamente no Brasil, se refletem de mil maneiras na orientação do espírito, dos afetos, das esperanças e do destino humano."

Depois de fazer uma série de considerações a respeito do programa com que nos apresentávamos em público, dizíamos: "A estrada que vamos percorrer é longa. Acidentada, talvez. Mas os

nossos pés não vacilam, nem nos fraqueja o ânimo porque nós já a vemos iluminada por clarões que procedem do Infinito".

Há vinte anos que nós a estamos palmilhando. Dupla tem sido a nossa tarefa: proclamar os princípios exatos da conduta e apresentar estímulos para que êles operem na formação do caráter.

Não nos preocupa a exposição ou a defesa dos sistemas doutrinários específicos dos vários corpos eclesiásticos que trabalham no Brasil. Concebemos o cristianismo em têrmos do reino de Deus, exatamente como o fêz Cristo. Onde houver quem faça a vontade de Deus, aí está um súdito do seu reino. Esforçamo-nos para que êsse domínio espiritual abranja a maior área possível em nosso país.

Até hoje trabalhamos muito para consolidar a obra que iniciamos com esta publicação. Entramos agora numa fase nova: a do aperfeiçoamento. Vamos fazer o possível para que esta revista entre em um período de acentuado progresso.

Os leitores que nos acompanharem perceberão por si mesmos como é que essa etapa da vida dêste periódico vai caracterizar-se.

Esperamos que ela se apresente de modo a receber aplausos de todos quantos acompanham com simpatia nossos reiterados esforços para progredir.

———)•(———

O alcoolismo é um vício dos cristãos, desconhecido dos maometanos.

———)•(———

C U R I O S O

O "Anuário Estatístico do Brasil" (oficial) informa que "havia no Brasil, em 1955, 4.777 pastôres protestantes e 7.031 padres Romanistas. Três Estados já possuem mais pastôres que padres. O Estado do Rio, tinha 427 pastôres e 226 padres; Santa Catarina tinha 326 pastôres e 233 padres; Espírito Santo, 200 pastôres e 98 padres. Rio Grande do Sul, Goiás, Maranhão e Acre estão em igualdade de número de pastôres e padres."

RELIGIÃO E SEPULTURA

M. R.

Quem estuda as religiões do passado encontra logo alguns característicos dela bem salientes. Um dêles era o apêgo à sepultura. Os povos da Roma Antiga encaravam a morte não como a dissolução do sêr, mas como transformação da própria vida. Essa crença provocava logo uma questão. Em que lugar passaria o homem sua segunda existência? Eis o que Fustel de Coulanges escreve sôbre o assunto: "Cria-se que o espírito imortal, uma vez saído dum corpo ia animar um outro? Não; a crença na metempsicose nunca pôde enraizar-se no espírito das populações greco-italianas; também não era essa a mais antiga opinião dos Aryas do Oriente, pois que os hinos dos Vedas estão em oposição com ela. Cria-se que o espírito subia para o céu, para a região da luz? Também não; o pensamento de que as almas entravam numa morada celeste, é duma época relativamente recente no Ocidente; a habitação celeste era considerada apenas como a recompensa para os grandes homens e para os benfeitores da humanidade. Segundo as mais antigas crenças dos Italianos e dos Gregos, não era num outro mundo que a alma ia passar a sua segunda existência; ficava perto dos homens e continuava a viver debaixo da terra". Acreditava-se que na segunda existência a alma permanecia associada ao corpo.

Os ritos praticados junto às sepulturas, mostram claramente que, quando se metia um corpo no sepulcro acreditava-se que ao mesmo tempo se metia lá alguma coisa que vivia. Virgílio, que descreve sempre com tanta precisão as cerimônias religiosas, termina a narrativa dos funerais de Polidoro com estas palavras: "Encerramos a alma no túmulo". Expressões semelhantes se encontram em vários outros escritores.

Havia o costume de, no final da cerimônia fúnebre, chamar três vê-

zes a alma do morto pelo nome que era usado em vida. Desejava-se-lhe que vivesse feliz debaixo da terra. Dizia-se-lhe três vêzes — "passe bem", acrescentando:

— Que a terra te seja leve.

Na antiguidade acreditava-se tão firmemente que um homem vivia mesmo depois de sepultado que nunca se deixava de enterrar com êle os objetos que lhe poderiam ser necessários. Entre êsses, vestidos e armas. Derramava-se vinho sôbre o túmulo para lhe apagar a sêde. Deixavam-se ali alimentos para matar-lhe a fome. Degolavam-se cavalos e escravos, pensando que seriam úteis ao morto. Depois da tomada de Tróia os gregos, de volta para seu país, levaram consigo uma bela cativa. Aquiles já estava debaixo da terra. Polixena foi morta sôbre o seu túmulo para fazer companhia ao herói.

E' fácil de perceber que a sepultura tinha um valor especialíssimo para os povos que cultivavam tais erenças. Para êles a alma só se fixava na morada subterrânea se o corpo ficasse ali coberto de terra. A alma que não tinha túmulo, não tinha morada. Andava errante. Jamais teria repouso. Peregrinava sempre sob a forma de fantasma, sem nunca receber oferendas e os alimentos de que tanto necessitava. Desgraçada, tornava-se dentro de pouco tempo malfazeja. Atormentava os vivos, mandava-lhes doenças, devastava-lhes as searas, aterrorizava-os com aparições lúgubres para os lembrar de que lhe deviam dar sepultura ao corpo. Daí é que vieram as crenças nas almas do outro mundo. Não era para a ostentação de dor que se realizava a cerimônia fúnebre. Era para garantir o repouso e a felicidade do morto.

Suetonio conta que, pelo fato de não ter sido enterrado o corpo de Caligula com cerimônia fúnebre, sua alma andou errante e apareceu aos vivos até o dia em que se desenterrou o corpo e lhe deu sepultura segundo as regras do ritual. Os homens da época temiam menos a morte do que ficarem privados de sepultura. Os atenienses mataram generais que, depois de uma vitória no mar, não tinham dado sepultura aos mortos. Êsses generais, discípulos de alguns filósofos, destiguiam a alma do corpo e não acreditavam que a sorte dela estivesse tão ligada ao físico. Achavam que pouco importaria que um cadáver se decompusesse na terra e na água. Mas a multidão, em Atenas, acusou os generais de impiedade e fê-los morrer. Pela vitória, dizia-se, tinham salvo Atenas; mas pela sua negligência tinham perdido milhares de almas. Os pais dos mortos, horrorizados com o longo suplício que as almas iam sofrer, compareceram ao Tribunal em trajes de luto e reclamaram vingança. Nas cidades antigas a lei punia os grandes criminosos com um castigo reputado

horripilante: era a privação de sepultura.

Periòdicamente os parentes do morto levavam-lhe refeições ao túmulo. Ovídio e Virgílio fazem descrição minuciosa dessa cerimônia. Os túmulos eram cercados de grandes grinaldas, de plantas e de flôres. Sôbre êle se colocavam pastéis, frutas, sal, leite e vinho. Essa cerimônia fúnebre não era apenas uma comemoração. O alimento era mesmo para o falecido. A prova disse é que o leite e o vinho era derramado sôbre o túmulo, mas abria-se um buraco para que os outros alimentos chegassem até ao morto. Num dos parentes poderia usar para si os alimentos consagrados aos mortos.

Entre os gregos, na frente de cada túmulo, havia um lugar destinado ao preparo do alimento. O túmulo romano tinha uma espécie de cozinha para uso do morto. Plutarco conta que, depois da batalha de Platéia, o povo da cidade se comprometeu a oferecer alimento aos mortos. Luciano afirma: Os mortos nutrem-se dos manjares que colocamos sôbre seu túmulo e bebem o vinho que lá derramamos; de modo que o morto a quem não se ofereça coisa alguma está condenado à fome perpétua. Essas crenças parecem-nos muito falsas e ridículas. No entanto, exerceram seu império durante grande número de gerações.

Um hábito notável da época relaciona-se com essas supertições. Ninguém desejava morrer sem deixar filhos que tratassem de colocar alimento no túmulo. Quem não tinha filho adotava um. Um oradorateniense explicando a necessidade que um cliente seu teve de adotar um filho dizia que, se não houvesse adoção, ninguém faria sacrifícios em honra ao morto e nem lhe ofereceria os repastos fúnebres. Tal a importância que os próprios tribunais davam ao fato. A adoção só era permitida a quem não tivesse filhos.

Como se vê, o bem-estar da alma do morto, segundo essas crenças, dependia inteiramente do cuidado com que seus parentes promovessem cerimônias especiais para tal fim. Em certos setores da vida espiritual do mundo ainda há vestígios dêsse êrro do paganismo. Em nosso meio mesmo, muitas pessoas pensam que devem promover cerimônias para garantir a salvação dos seus parentes que já partiram para o Além. O advento do cristianismo, durante séculos, modificou êsse conceito pagão relativo à paz dos mortos. Mas no decorrer dos tempos a mesma idéia voltou a incorporar-se às crenças de muitas pessoas até hoje.

Além do apêgo à sepultura as religiões antigas tinham outro característico que as torna completamente diferente das de hoje. A religião era doméstica. Por mais estranho que pareça, os deuses não aceitavam adoração de todos os homens. Não se apresentavam mes-

mo como sendo deuses do gênero humano. Na religião primitiva cada um dos deuses só poderia ser adorado por uma família. A religião era puramente doméstica.

Não raro, duas famílias viviam ao lado uma da outra mas tinham deuses diferentes. Se um moço de uma família pede em casamento uma jovem, essa, antes de deixar a sua casa, terá de abandonar o fogo paterno e, depois disso, adotará o deus do espôso. Deixa o deus da sua infância para se colocar sob o domínio de outro que ela não conhece. A praxe seguida nesse particular é para nós muito estranha e pode ser sintetizada assim: A partir do casamento a mulher nada mais tem de comum com a religião doméstica de seus pais: passa a adotar a religião do marído. O casamento era pois um ato grave. Sem a renúncia da religião paterna, a mulher não pode tomar parte nas cerimônias religiosas do novo lar que vai constituir. O ato religioso do casamento não era celebrado, invocando os deuses do Olimpo, Júpiter, Juno e outros. Não. A cerimônia não se realizava no templo. Era em casa e o deus doméstico é que presidia ao ato.

Como estamos vendo, a religião antiga longe, muito longe estava de ser universal. Jamais passou pela mente daqueles adoradores a idéia de que se pudesse ter uma religião para tôdas as famílias da cidade. Muito menos para a população do país. E' preciso notar ainda que algumas das religiões antigas jamais pretenderam ser universais. Nem poderiam ter essa pretensão, porquanto algumas peculiaridades delas eram de tal forma locais que não seria possível pretender que se espalhassem pelo mundo.

Estudando êsses fatos, fàcilmente verificamos como o cristianismo é diferente de tôdas essas religiões. Jesus Cristo ordenou que se pregasse o evangelho a todos os povos. E êle está sendo pregado. Já existem traduções do Evangelho em cêrca de duas mil línguas. Não faz muito tempo, foi êle traduzido para duas línguas de tribos indígenas do Brasil que pela primeira vez tiveram expressão escrita.

Só a relião cristã pode ser universal.

NOTAS E COMENTARIOS

J. GOULART

CARIDADE

Não empregamos, aqui, a palavra, no sentido comum de generosidade, de espírito caridoso, de dar esmolas. S. Paulo, numa passagem célebre dos seus escritos, disse: "Ainda que eu distribuisse tôda a minha fortuna para sustento dos pobres, se não tivesse caridade, nada me aproveitaria". É dessa caridade, no original ágape, que é mais do que dar esmolas, que falamos. Diz-se que caridade é a expressão concreta do amor. Nem sempre, porque muitos dão esmola sem sentir pelo próximo a menor afeição.

As palavras mudam de sentido. Têm sentido literal e têm sentido figurado, analógico, abstrato. Costuma-se até empregar um tempo com o intuito de expressar o contrário de sua significação etimológica ou usual. Morais regista, na definição do termo: "Irônicamente, fizeram-lhe a caridade, isto é, algum mal, dano, tanto por palavras, como por obras".

Caridade, no sentido moral, é o sentimento, o espírito com que fazemos as coisas; é a expressão de nossa boa-vontade para com o próximo; é benevolência, tolerância, compreensão, a disposição de olhar o melhor lado, de não julgar apressadamente e com má vontade.

Somos geralmente muito descaridosos. É conhecido aquêle apólogo espanhol. Se o homem monta o burrico e deixa o menino a pé, todos censuram; se os dois montam, se vão a pé os dois, se carregam, afinal, o burrico, sempre a opinião pública encontra motivo de censura, de zombaria, de ridículo.

Os governos são a maior vítima de nossa falta de caridade. Se é apressado ou se é lento nas suas decisões, se é parcimonioso ou se é generoso, se é tolerante ou se é rígido, sempre a oposição ou os menos aquinhoados encontram motivo para desmoralizá-lo ou preju-

dicar os seus planos. A imprensa, muitas vêzes, é cruel, confundindo os fatos passados com os presentes e criando, não raro, situações perigosas.

Parece que precisamos todos, nas condições a que chegaram as coisas, no nosso país, de exercitar mais a virtude da caridade. Precisamos ser razoáveis. Precisamos de examinar as questões com espírito desarmado de paixões, e preconceitos. Precisamos admitir a boa-fé do nosso oponente. Precisamos perdoar as ofensas e agravos. Não estamos na hora de cobrar, etsamos na hora de ajudar e de cooperar.

PACIÊNCIA

Esta é outra virtude que precisamos de cultivar. Costuma dizer-se que o brasileiro é preguiçoso. Foi Monteiro Lobato quem fixou o tipo na figura do "jeca tatú" acocorado junto do seu rancho deixando o tempo passar e convicto de que "plantando dá".

Mas, por outro lado, um tanto contraditòriamente, se diz também que o brasileiro é impaciente, apressado, improvisador, como o menino que entrerra a semente e vai logo verificar se ela brotou, ou o moço, de quem, diz Amoroso Lima, que "a análise, exigindo demora e paciência, repugna ao seu espírito imediatista, que não quer apenas, mas quer já". E quer, diz ainda êle, em linhas gerais que tudo abranjam.

Haverá nisto generalização, porque é muito difícil determinar a característica de um povo, ainda mais tratando-se de país tão grande como o nosso e tão diversificado nas suas regiões, no seu clima, na sua produção e nos elementos psíquicos de uma raça ainda em formação.

Tem-se de admitir, porém, que somos um povo impaciente, que gosta de improvisar monumentos e de aparentar feições que sòmente povos seculares podem possuir.

No domínio da instrução, todo o mundo quer diploma, mas não se conforma com estudos prolongados, nem com pesquisas demoradas. Queixavam-se há pouco alguns mestres universitários, de que no Brasil não existe a mentalidade científica, a coragem de labutar persistentemente num laboratório, nem o govêrno se interessa por oferecer aos poucos que se animam a investigações os meios necessários, as verbas e os instrumentos.

Se considerarmos a crise atual da produção, afetando tão gravemente a economia nacional, ou a industrialização violenta do país, sem se levar em conta a matéria prima estrangeira e a criação de mercados correspondentes, verifica-se que há falta de planejamento a longo prazo e de medidas basea-

das em custosos e prolongados labores.

Um exemplo significativo é o de Brasília. A mudança da capital está assentada desde a Constituição de 91 . Entretanto, ou tudo ou nada. Ninguém se animava a empresa tão difícil. Se a construção se viesse fazendo aos poucos, dentro de um plano bem elaborado, não estaríamos agravando as nossas finanças com a improvisação de uma cidade suntuosa, faraônica ou babiloniana, às pressas, com importações caríssimas e num rítmo exagerado, "às caneladas", como diz o presidente. De modo que u'a medida convenientemente, aprovada por todos, necessária, se torna um motivo de temores, de oposição, de perigos e de males. A pressa. A impaciência. A falta de continuidade, o mal que vem contribuindo até para o abandono de empresas em avançado adiantamento.

Precisamos de cultivar a paciência, de aprender a preparar o terreno, de semear e esperar os frutos. Precisamos despojar-nos de tôda a vaidade e de trabalhar com afinco e com plano, com planos que tenham prosseguimento e continuidade. Mas também, por causa disto, não vamos atrapalhar. Se há alguma coisa boa, contribuamos para o seu sucesso e para o seu aperfeiçoamento.

CENTENÁRIO DA IGREJA PRESBITERIANA

O Brasil atravessa uma crise de crescimento. A população se avolumou, mas a produção não correspondeu a êsse fenômeno, surgindo daí problemas graves que exigem o concurso de tôdas as correntes interessadas na grandeza da pátria. Com a nação cresceram as igrejas evangélicas que hoje constituem um elemento ponderável da nossa estrutura social, o que se verifica até mesmo na representação do protestantismo nas assembléias políticas.

A Igreja Precsbiteriana conta conm cêrca de duzentos mil membros, incluindo-se menores e aderentes e está procedendo, inteligentemente, nestes dias, a uma reavaliação dos seus recursos e no levantamento da obra por ela realizada no decurso dêste século de vida heróica e produtiva. A imprensa, a literatura, a instrução, os métodos imprimidos à obra, os recursos financeiros, a extensão dos campos, as suas relações intereclesiásticas e intercontinentais, tudo está merecendo estudo por parte da comissão promotora das comemorações. Até um museu expressivo da vida da Igreja, de suas tradições, de seus vultos eminentes, de seu desenvolvimento, está sendo carinhosamente montado. Como parte das comemorações deverá reunir-se, no próximo ano, no

mês de julho, 1959, em S. Paulo, o Concílio Mundial Presbiteriano que deverá reunir centenas de delegados.

A Igreja Presbiteriana, ao lado de suas irmãs, mais ou menos da mesma idade, pode, sem orgulho, enumerar um rol de fatos comprobatórios de sua contribuição ao progresso da nação, tanto no terreno da educação religiosa e moral, como no da instrução, em que foi pioneira de muitas medidas, na obra hospitalar e beneficiente, e, sobretudo, na formação de uma consciência sadia e patriótica de seus membros

---

DESCOBERTA ACIDENTAL

"No ano de 1879, afirma H. Van Loon, um fidalgo espanhol, o marquês de Sautuola, empreendeu uma excursão às cavernas de Altamira, situadas nos montes Cantabros, na zona setentrional da Espanha.

O marquês levava consigo uma filhinha de quatro anos. Não se interessava pelos fósseis que o pai procurava, a pequena resolveu fazer uma exploração por própria conta. Existia, na caverna, uma parte muito baixa que nenhum adulto se dera ao incômodo de inspeccionar. Que necessidade havia de sujar inùtilmente as roupas? Mas, para a menina, essas rochas suspensas nada significavam; ela arrastou-se até o ângulo menos elevado e acendeu a lanterna. Levantando os olhos, achou-se, porém, face a face com os dum touro e, transida de horror, gritou pelo pai. Eis como foi descoberta a primeira das nossas famosas pinturas prehistóricas... por uma criança travêssa, em busca de distração".

("As Artes", pág. 33)

2.º APÊLO DE ALBERT SCHWEITZER

O PERIGO DE UMA GUERRA ATÔMICA

"Atualmente devemos contar com a possibilidade ameaçadora de desencadear-se uma guerra atômica entre a União Sociética e os Estados Unidos, conflito que só poderá ser evitado se as duas potências decidirem entre si renunciar às armas atômicas.

"Como chegamos a essa situação?

"No ano de 1945, os Estados Unidos conseguem fabricar a bomba atômica, partindo da desintegração nuclear do urânio 235, e lançam uma sôbre Hiroshima no dia 6 de agôsto de 1945 e outra sôbre Nagasaki, no dia 9 de agôsto do mesmo ano.

"A posse dessa bomba atômica confere-lhe uma superioridade militar sem igual sôbre todos os demais povos.

"A partir de julho de 1949, também a União Soviética dispõe de uma bomba atômica. E, aliás, seu efeito é tão grande quanto o da bomba atômica norte-americana, aperfeiçoada durante o período de 1946 a 1949. A paz entre as duas potências é mantida na medida em que cada uma tem respeito pelas bombas da outra.

"No dia 3 de outubro de 1952, a Grã-Bretanha faz explodir, na ilha de Montebelle (na costa nordeste da Austrália) sua primeira bomba atômica.

"Para novamente ganhar a superioridade, os Estados Unidos resolvem deixar Edward Teller tomar conta da produção da bomba de hidrogênio, a qual, espera-se, superará em muito a bomba de urânio.

"Uma primeira experiência é feita com ela em maio de 1951, em Eniwetok, e uma segunda no atol de Elugelab, no Pacífico, em outubro de 1952. No dia 1.º de mar-

ço de 1954, explode em Bikini — uma das ilhas vulcânicas pertencentes ao grupo das ilhas Marshall, no Oceano Pacífico — a bomba de hidrogênio aperfeiçoada. Nessa ocasião, descobre-se que seu efeito expressivo é muito maior do que se estimava nos cálculos.

"Ao mesmo tempo que os Estados Unidos, também a União Soviética se empenha na fabricação da bomba de hidrogênio. Ela faz explodir a primeira no dia 12 de agôsto de 1953.

OS TELEGUIADOS

"As duas potências também fazem concomitantemente um maior progresso. Ora, sucede que a invenção da bomba atômica, com a qual os Estados Unidos se ocuparam durante a segunda guerra mundial, aplicar-se-á aos teleguiados, com os quais já trabalhava a Alemanha nessa época. Com isso, não mais é obrigatório que ùnicamente poderosos aviões de bombardeio transportem bombas até o local onde estas devem explodir. Dispõe-se agora de teleguiados, os quais, impelidos de rampas de lançamento, podem ser enviados a alvos distantes, precisamente calculados.

"Chamam-se teleguiados aqueles projéteis transportados por um foguete, isto é, por meio de um corpo voador que leva consigo o combustível que o propele. Êste combustível consiste numa mistura de substâncias que produzem gases de combustão, os quais escapam com uma velocidade extraordinàriamente grande, através de uma abertura estreita em forma de bico. Ininterruptamente trabalha-se para descobrir misturas de combustíveis ainda mais eficientes e mais simples de manejar.

"O projetil carregado pelo foguete pode ser de tipo comum ou ser munido de uma ogiva de bomba de urânio ou de bomba de hidrogênio.

"Dizem que a União Soviética dispõe de foguetes que alcançaram até 1.000 quilômetros, esperando-se em breve outros que alcancem 1.800 quilômetros, se é que já não existem. Fala-se que os Estados Unidos já possuem foguetes com um alcance de 2400 quilômetros.

"Ainda não se sabe com certeza se já existem os assim chamados foguetes intercontinentais, capazes de sobrevoar o Oceano Atlântico, isto é, com um alcance de mais de 8.000 quilômetros. Presume-se, no entanto, que os problemas referentes à sua produção são solúveis e que se trabalha para isso, tanto no Leste como no Oeste, e que o Leste parece estar, nesse sentido, à frente do Oeste.

"Embora pareça ainda não haver teleguiados intercontinentais, os Estados Unidos já devem estar prevendo que, no caso de uma

guerra atômica, suas cidades, situadas desde a costa até bem no interior, possam ser atingidas por teleguiados lançados por submarinos.

"Os foguetes movimentam-se com uma velocidade incrível. Afirma-se que o foguete intercontinental, para atravessar o Oceano Atlântico, necessita menos de meia hora, e sua capacidade de carga oscila entre 1 e 5 toneladas.

ANTEVISÃO DO CONFLITO ATÔMICO

"Como se desenrolaria uma guerra atômica hoje desencadeada?

"Em primeiro lugar, tratemos da assim chamada guerra atômica de âmbito limitado. E' que, no íntimo, certas pessoas têm a esperança de que as hostilidades poderiam surgir numa guerra atômica com um âmbito mais ou menos limitado, na qual ainda não se fizesse uso das bombas atômicas aperfeiçoadas ou de poderosas bombas de hidrogênio, mas apenas de teleguiados de curta ou média trajetória. O extermínio causado pelos teleguiados, poderia, assim se espera, manter-se dentro de certos limites e igualmente propiciar ainda uma paz oportuna.

"No que se refere à limitação local de uma tal guerra, pouca esperança há nesse sentido, pois ela é realizada com teleguiados que alcançam até 2.400 quilômetros. Também não deve ser menosprezada a destruição por êles provocada, pois o efeito dos projéteis atômicos usados é igual ao de uma bomba de Hiroshima e muito maior é seu poder de destruição quando dotados de uma ogiva de bomba de hidrogênio.

"É pouco admissível que os inimigos desistam, desde o princípio, de lançar sôbre as grandes cidades bombas de urânio aperfeiçoadas ou bombas de hidrogênio por meio de bombardeiros.

"Uma grande possibilidade existe a favor disso, isto é, de que numa próxima guerra atômica sejam empregados tanto os teleguiados como os grandes bombardeiros. A guerra feita com o lançamento de grandes bombas não pode ser substituída pela de teleguiados, mas sim por êles completada.

"Quanto ao efeito das grandes bombas de hidrogênio, deve-se dizer que o diâmetro das bolas de fogo resultantes da sua explosão, pode abranger vários quilômetros. O calor é avaliado em 100 milhões de graus. Pode-se daí calcular a quantidade de pessoas aniquiladas — em tempo ínfimo — na cidade atingida, tanto pela pressão da explosão, como pelos destroços, pelo fogo, pelo calor e pela primeira e violenta irradiação radiativa. A mortal intensidade radiativa, provocada pela explosão, espalhar-

se-á por uma extensão de cêrca de 45.000 quilômetros quadrados.

"Perente uma comissão do Parlamento, um general americano teria feito a seguinte declaração: "Se, de 10 em 10 minutos, forem lançadas 110 bombas de hidrogênio sôbre os Estados Unidos, morrerão ou ficarão feridas 70 milhões de pessoas. Além disso, milhares de quilômetros quadrados ficarão inutilizados para uma geração inteira." Então, os países como a Grã-Bretanha, a Alemanhã Ocidental e a França podem ser destruídos com 15 ou 20 bombas de hidrogênio da mais recente fabrição. No que diz respeito às medidas de proteção em uma próxima guerra atômica, dizem que o presidente Eisenhower, após um ataque simulado com bombas, na qual também foram experimentados medidas de proteção, teria assim se manifestado: "Aí só adianta orar!"

"Realmente, não se pode fazer muito mais do que, em relação a um ataque de bombas, dar instruções para que tôdas as pessoas que se encontrem no local se joguem no chão, atrás de uma parede, preferìvelmente forte, de pedra ou concreto, com o rosto voltado para baixo, e para que, se possível, cubram com uma toalha a nuca e as costas. Assim, pessoas que não se encontrarem na região de completa destruição, em certas circunstâncias poderão escapar à morte pela irradiação. Também é importante que se faça chegar aos sobreviventes, se possível, água e comida que não sejam radiativas, e que êles sejam retirados o quanto antes da zona infestada pela radiatividade.

"Está fora de cogitação a construção de abrigos com grossas paredes de concreto para tôda a população de uma localidade. De onde se tiraria o local e os meios exigidos? Onde arranjariam os habitantes, no caso de um bombardeio, o tempo para procurar proteção em algum abrigo antiaéreo?

"Numa guerra atômica não há vencedores. Só vencidos. Nela todos sofrem, com as bombas e os projéteis atômicos do inimigo, o mesmo que a êste foi causado pelas armas atômicas da outra vítima. Resulta disso um permanente aniquilamento, ao qual nenhuma suspensão das operações ou armistício pode pôr fim. Quando se trata de armas atômicas, nenhum povo pode dizer ao seu inimigo: "agora é a vez das armas decidirem", mas sim "agora vamos cometer juntos o suicídio em que nos exterminaremos mutuamente".

"Com razão, um parlamentar inglês declarou que quem emprega armas atômicas tem o mesmo destino de uma abelha, que quando pica, sucumbe por sua vez infalìvelmente, desde o momento em que fêz uso do ferrão.

"Uma guerra feita com armas atômicas de hoje, no sentido de

manter uma liberdade considerada perigosa, não pode dar os resultados que dela se esperam.

"Aquêles para quem ela será feita deverão, no seu decorrer, estar mortos, ou mais tarde definhar. Em lugar da liberdade caber-lhes-ia o extermínio.

"As nuvens de poeira radiativa, que se seguiriam a uma guerra atômica entre o Leste e o Oeste, poriam em dúvida a sobrevivência dos homens no mundo inteiro. Essas potências não precisariam nem empregar, para isso, todo seu estoque de bombas atômicas e de hidrogênio, calculado em 50.000 unidades.

"Uma guerra atômica, portanto, é um absurdo e uma crueldade inimagináveis, que de forma alguma deve tornar-se realidade.

"Infelizmente há o perigo de que a guerra fria se transforme numa guerra atômica, perigo êsse hoje muito maior do que foi até agora, devido à invenção dos teleguiados e às possibilidades por êles abertas.

AMPLIAÇÃO DO PERIGO

"Em tempos passados, os Estados Unidos tiveram como princípio permanecerem os únicos, ao lado da União Soviética, na posse de armas atômicas. Não havia interêsse em equipar outros países com bombas de urânio ou de hidrogênio. Êsses também não saberiam o que fazer com elas. Mas, com a invenção dos teleguiados, de menor ou maior alcance, modifica-se a situação, pois com êles, os países que estão ligados aos Estados Unidos podem fazer algo que, no seu interêsse e no dos Estados Unidos ,seja julgado necessário. Assim, os Estados Unidos renunciam ao princípio de não entregar armas atômicas a outras mãos. Uma grave decisão.

"Do seu ponto de vista, compreensível que os países da NATO queiram colocar-se numa posição tal que, com essas armas modernas, possam defender-se da União Soviética. Para esta última, porém, êsse armamento significa uma ameaça que até agora era inexistente.

"De agora em diante, surgem condições até agora inxistentes, para o desenvolvimento de uma guerra com armas atômicas em solo europeu entre os Estados Unidos e a União Soviética. O território da União Soviética, compreendido entre a Alemanha Ocidental e as cidades de Moscou e Cracóvia, pode ser bombardeado com teleguiados de um alcance médio de 2.400 quilômetros. Os teleguiados de alcance médio que a Turquia e o Irã aceitariam eventualmente dos Estados Unidos para defender-se da União Soviética poderiam ser perigosos para as cidadades dessa potência, até bem no interior.

"Assim ,a União Soviética pode estar se sentindo numa situação em que tenha de repetir uma manobra do cêrco empreendida contra ela, com base na existência dos teleguiados.

"A importância estratégica do Oriente Médio implica em que, tanto a União Soviética quanto os Estados Unidos, enquanto defendem os países daquela zona, tratam de fazer com que êles fiquem comprometidos, apoiando-os financeiramente e fazendo chegar armas (inicialmente do tipo comum) às suas mãos. Em tôdas as querelas que lá levantam, aquelas duas potências aparecem, aberta ou secretamente ,em posições opostos. Assim, acontecimentos que se derem no Oriente Médio podem tornar-se funestos para a preservação da paz. O Oricnte Médio tomou a si o papel que os Balcãs desempenhavam antes da Primeira Guerra.

"O perigo de uma guerra, que cresceu com o aparecimento dos teleguiados, tornar-se-á ainda maior pelo fato de quc, provàvelmente, uma guerra atômica não sc desencadeará com base na declaração de guerra por parte de uma otência, mas em virtude de um acontecimento qualquer que sobrevcnha or acaso. Culpa disso terá, de agora em diante, a importância atribuída ao fator tempo.

"O ofensor repentino terá sôbre o que é atacado, vantagem que lhe emprestará uma superioridade quase equivalente à vitória. Ser-lhe-á possível logo no comêço inflingir perdas ao inimigo, que diminuam extraordinàriamente a capacidade de combate dêste último.

"Sente-se assim, de ambos os lados, a necessidade de estar diàriamente e de hora em hora à espera de uma agressão, para através de uma defesa instantânea e vigorosa, fazê-la malograr no que fôr possível. Essa urgência da defesa mais rápida possível é que traz consigo o grande perigo de a guerra atômica estourar por acaso. A rapidez com que se deve decidir o que significa um ponto visível no aparelho de radar, pode possibilitar um êrro fatal que, sob certas circunstâncias, poderia originar o desencadeamento de uma guerra atômica.

"Segundo o general americano Curtis Le May, deve-se realmente contar com essa possibilidade.

"De fato, o mundo correu há pouco tempo um perigo dêsse tipo. As estações de radar da Fôrça Aérea norte-americana e as da costa do país informaram que esquadrilha desconhecidas de bombardeiros dotados dc velocidade supersônica se aproximavam do país. Em consequência disso, o general que chefiava o destacamento de ataque aos bombardeiros deveria ter ordenado o início dc um bombardeio de contra-ataque. Contudo, êle não pôde

se decidir a isso, com o que assumiu uma pesada responsabilidade. Logo após, verificou-se que as estações de rádio tinham sido vítimas de um êrro técnico. O que poderia ter acontecido, se estivesse no comando um general um pouco menos avisado!

"Em tempos vindouros, o perigo de guerra, ocasionada por um êrro, será muito maior. Os foguetes supersônicos, devido a sua pequenez, só serão visíveis tàrdiamente no radar, daí serem as possibilidades de defesa muito limitadas. Restam apenas alguns segundos para decidir se o que foi observado no aparelho é realmente foguete, e pôr em andamento a defesa necessária. Esta consiste no envio de foguetes defensivos, que devem fazer explodir os foguetes inimigos antes que êstes alcancem seu alvo, e em enviar esquadrilhas de bombardeiros para aniquilar as bases de lançamento do inimigo. Tarefas semelhantes não podem ser entregues a um cérebro humano. Êste trabalha devagar demais. Elas têm que ser chefiadas a um cérebro eletrônico, mantido em contacto com o aparelho de radar. Se êsse informa que se trata realmente de foguetes, o cérebro eletrônico, de acôrdo com as informações transmitidas pelo aparelho de radar, calcula, em questão de segundos, a trajetória e a distância dêles e faz partir os foguetes defensivos. Isso tudo se processa autmàticamente.

"A que ponto chegamos: nosso destino vai depender de um cérebro eletrônico e dos enganos de que êste possa ser vítima. Êle só pode decidir automàticamente. O poder do cérebro humano, de avançar refletidamente em tôdas as direções e sentidos, não lhe foi concedido. Sua decisão é rápida, mas não tem a profundidade e a certeza da do cérebro humano. Além disso, o cérebro eletrônico está na absoluta dependência do fato de que no seu tão complicado funcionamento, tudo, até as mínimas coisas, deve estar em absoluta ordem.

"Não faltam, portanto, possibilidades de, por um acaso qualquer, tombarmos uma vez numa guerra atômica, da forma mais estúpida.

"Também não deve ficar fora de cogitação uma outra piora de nossa situação, que se relaciona com o fato de os Estados Unidos estarem em vias de fornecer armas atômicas a outros países, confiando-as àqueles de quem julga poder supor que não as usarão imprudentemente ou conforme a própria vontade. As outras duas potências atômicas têm a liberdade de fazer o mesmo. Mas quem é que garante que, dentre êsses povos agraciados, não haverá também, uma vez, um indigno dessa honra que ao entrar na posse de tais armas, fará com elas o que bem lhe parecer, sem se preocupar com as conseqüências? Quem é que pode impedi-lo?

Quem é que pode induzí-lo a renunciar ao uso de suas armas atômicas, quando as nações, de volta à sentatez, resolverem conjuntamente renunciar ao seu uso?

"Cavou-se um buraco no dique. Isso quer dizer agora vigiar, para que não haja, em conseqüência, uma ruptura fatal.

"Que é de se supor que tais preocupações se concretizem, conclui-se da declaração que 9.235 cientistas enviaram no dia 13 de janeira de 1958 à ONU, a respeito da cessação das experiências nucleares. Nela figura a frase seguinte: "Enquanto as armas atômicas estiverem em poder das três grandes potências, é possível estabelecer-se um acôrdo visando ao seu contrôle. Se as experiências continuarem e a posse dessas armas fôr concedida a outros governos, o risco de se desencadear uma guerra atômica, decorrente da existência de governantes irresponsáveis, será muito maior".

"Portanto, o perigo de uma próxima guerra atômica é tão ameaçador que se torna uma necessidade urgente a renúncia às armas atômicas.

A ESTRANHA POSIÇÃO DOS E.U.A.

"Os Estados Unidos, na questão da renúncia às armas atômicas, assumem uma estranha posição. Não pode ser outra senão a de intervirem convictamente em favor de sua supressão, mas ao mesmo tempo querem, no caso de isso não se tornar realidade, colocar-se, juntamente com os países da NATO, numa situação, do ponto de vista militar, das mais propícias. Por isso, os Estados Unidos insistem em que aqueles países se decidam a aceitar o quanto antes os teleguiados que lhes está oferecendo. Mais ainda, querem estar numa situação em que mantenha a paz intimidando o inimigo. Contudo devem ter conhecimento de que a maioria dos países da NATO não demonstra muita pressa em se tornar possuidor, das armas que lhe foram oferecidas, pois seus dirigentes têm que enfrentar uma corrente de opinião contrária cada vez mais forte em seus países.

"Seria de grande importância que os Estados Unidos, nessa hora crucial para a humanidade, se decidissem a pensar esclusivamente na necessidade de renúncia às armas atômicas e, em conseqüência disso, em evitar uma guerra atômica. A teoria da manutenção da paz por meio da intimidação do inimigo, mediante armamento atômico, não pode mais ser levada em conta na época presente, com um perigo de guerra tão intensificado.

LÓ E ABRAÃO

"Eis aí tôda essa terra à tua vista. Rogo-te que te apartes de mim" (Gênesis 13:9).

Os zagais de Abraão, o patriarca,
Brigavam com os zagais de seu sobrinho
Ló. O bom velho o olhar extende, abarca
Os campos em redor e o chão maninho.

E diz a Ló, com mostras de carinho:
— Das terras que ora vês, toma e demarca
O sítio em que se praza armar teu ninho,
Que o meu irei fazer noutra comarca.

Não desejo que os meus e os teus pastôres
Vivam nessa contenda repulsiva.
Leva o teu gado em paz para onde fôres.

Será melhor que conversemos, Ló,
A fraterna amizade, embora viva
Cada um de nós para o seu lado, só.

BENEDITO R. ARANHA

CONHEÇA A SUA BÍBLIA

3.ª LIÇÃO

GÊNESIS: OS PATRIARCAS

REV. JÚLIO A. FERREIRA

Atenção, aluno: Você leu, nesta semana, os onze primeiros capítulos de Gênesis? Não? Que pena! Perdeu uma boa ocasião de o fazer e anulou o propósito dêste curso que é de levá-lo à Bíblia.

Sim? Que bom! Entendeu-os melhor? Foi para isso mesmo que organizamos o curso: "Conheça a sua Bíblia". Ninguém a pode conhecer. Conheço a minha, mas a sua não será conhecida se você não se esforçar nesse sentido. Creio que posso ajudá-lo, mas não posso fazer a sua parte.

* ★ *

O livro de Gênesis está dividido em três partes ,a saber: Primórdios — Patriarcas — Descida para o Egito. Estudada a primeira, caps. 1 a 11, como fizemos em aula anterior, passamos ao período dos Patriarcas. E' o que vai do capítulo 12 até o 36. Se alguém quiser recurso mnemônico para saber dos capítulos, basta lembrar-se que 36 é múltiplo de 12. Não deve ter sido difícil guardar que os primórdios vão de 1 a 11, pois que um número lembra o outro.

Vêde o esquema das viagens no período dos Patriarcas. Do capítulo 12 ao 36 de Gênesis temos três biografias de Abraão, de Isaque e

de Jacó. Os diferentes riscos representam diferentes viagens. Primeira: Abraão vai da terra de sua parentela (Ur) para uma terra da qual diz Deus: "Eu te mostrarei" (Canaã). Segunda: Abraão manda buscar espôsa para o filho; é a viagem em busca de Rebeca. Creio que todos se lembram dessa viagem. Comovente história do encontro junto ao poço, quando o servo de Abraão ficou em silêncio para ver se Deus faria prosperar o seu caminho ou não. Disse, lá consigo, que a moça que lhe desse de beber a êle e aos camelos essa seria a candidata ao filho de Abraão. Critério interessante do de escolha. É boa qualidade revelar cuidado pelos outros. Após a exposição do propósito da viagem e da decisão de Rebeca, segue-se a terceira viagem, indicada pela flecha rumo a Canãa de novo: vai Rebeca ao encontro de Isaque. Sabemos que dois filhos teve êsse casal: Jacó e Eaú. Quando Isaque era já velho, Jacó enganou o irmão, patrocinado, infelizmente, pela própria mãe. Esaú ficou irado, e quis matar a Jacó. Fugindo, Jacó vai a Padã-Arã, na Galiléia, a região dos parentes. Nessa viagem tem êle uma visão de Deus, em Betel. Na ida, Betel; na volta, Jaboque, vale onde se dá o encontro com o anjo, antes do encontro com o irmão. No intervalo dessas duas viagens, também assinaladas no gráfico, êle se enriquece, luta contra o próprio sogro. Enganara o pai; enganara o irmão; enganara o sogro — seu nome era: Enganador. Jacó retorna a Canaã.

Feita a apresentação do quadro, passemos a um pequeno balanço de informações a respeito de cada um dos patriarcas.

De Abraão temos vários incidentes narrados. Procurámos resumir dêste modo:

Abraão e a promessa — 12
" e as peregrinações — 12
" e Ló — 13
" e Melquizedeque — 14
" e o Pacto — 15
" e Hagar — 16
" e Sara — 17
" e os anjos — 18
" e as cidades impenitentes — 19.
" e Abimeleque — 20
" e Isaque — 21
" e o sacrifício do filho — 22
" e a viuvez — 23.

A promessa é de que nêle, Abraão, seriam benditas tôdas as nações da terra: teria êle descendência como areia do mar e estrêlas do céu. Levado para Canaã, morava, com diz a Escritura, em cabanas; era um estrangeiro. Ali estava em obediência à palavra de Deus. Recebia a inspiração de deixar os seus e ir para uma terra distante, desceu ao Egito, o que era natural, pois que no Egito estava então a capital do mundo. O incidente com Ló é muito conheci-

do: avançaram para o Vale do Jordão, perto do Mar morto, planície fértil. Ambos tinham rebanhos e era preciso que êles decidissem a respeito da divisão das terras; estava havendo luta entre os seus auxiliares. Abrão tem gesto de generosidade: se tu escolheres a direita, eu escolherei a esquerda. Ló escolheu o parentmente melhor. Melquizedeque, rei de paz, recebeu dízimos de Abraão. Segue-se a cerimônia da circuncisão, como o marco do pacto feito entre Deus e o patriarca. Abraão intercede por Ló, por sua família, pelas cidades impenitentes; contudo a maldade era tal, que não foi possível evitar a destruição destas. Sodoma e Gomorra, símbolos da destruição final. Abimeleque foi um rei visitado por Abraão. Abraão infelizmente ,apesar de tôda a sua grandeza de alma, mostrou-se humano; caiu na fraqueza da mentira.

Depois dêsses acontecimentos cumpre-se a promessa. Deus lhe dá o filho. Deus vem depois a pedir-lhe o filho. Êste é o ponto culminante na biografia de Abraão; sua significação vamos destacar depois.

Vamos passando à biografia de seu filho Isaque. O exemplo de Isaque como pacifista é o ponto culminante na biografia dêste, porque êle foi realmente um exemplo de pacifismo. Sua biografia é menor; menor em extensão e menor em importância. Os vultos de seu pai Abraão e de seu filho Jacó são tão notáveis que, de certa maneira, a figura de Isaque fica um pouco apagada. Entre parêntesis: Conta-se que Mendelson, o banqueiro, era muito conhecido, sendo seu filho sempre apresentado como o filho de Mendelson. O neto se tornou musicista célebre. O filho, que agora era velho, passou a ser apresentado como o pai de Mendelson. Certa vez perguntaram-lhe quem era. Respondeu: "Eu, a princípio, era filho de meu pai; depois passei a ser o pai de meu filho; eu mesmo não sou ninguém". Isaque a princípio era filho de Abraão; depois passou a ser o pai de Jacó. Jacó é, de fato, um vulto notável. Notável primeiro por suas malandragens; notável depois por sua conversão.

Repassemos ràpidamente a biografia de Jacó comprando o direito de primogenitura com um prato de lentilhas, ganhando a bênção do pai quando arranjou um guisado mais depressa. (A mãe, protecionista, depois deve ter ficado arrependida quando vê o filho partir para tão longe), indo para região onde estavam os parentes, trabalhando, conforme os costumes da época, para receber de seu sogro as filhas em casamento, enganando o próprio Labão, ao qual deixa sem aviso, vem afinal ao vale de Jaboque, o vale da decisão. O rio Jaboque é um afluente do Jordão. Riacho sem muita significação, passou à história por causa do encontro de Jacó com o

anjo. Quase mesmo à passagem do Jordão, quase à entrada de Canaã, teve Jacó êste encontro. Neste incidente o mais significativo de sua vida, percebeu que de nada valia sua atitude enganadora, pois que, cedo ou tarde, chegava o ajuste de contas. Pediu com grande insistência, a bênção dos céus.

Encontra-se e reconcilia-se com o irmãos. Às saudades dos pais que não mais encontrou somou-se logo a saudade de Raquel a espôsa querida, que veio a morrer. Não há felicidade completa aqui na terra. De nada vale ser enganador. As mais caras esperanças estão além.

E assim, em lugar de Jacó que passa aos bastidores, surge no palco dessa história, José , seu filho. Mas, êste já pertence a outro período.

Apresentadas, em síntese, as biografias dos patriarcas, desejamos destacar algumas lições essenciais.

Abraão é o exemplo de fé. E' chamado o pai da fé. O pedido do sacrifício de Isaque, devia parecer-lhe absurdo. Mas Hebreus 11:18 dá-nos o segrêdo dessa história. Abraão creu na ressurreição. Êle não discute; obedece. Todos conhecem o incidente tão tocante; vão para o monte Moriá, em Jerusalém. O filho pergunta: aqui está o cutelo, aqui a lenha, onde é que está a vítima? E a resposta de Abraão é: "Deus proverá". É o homem da fé, chamado "pai da fé". Sua figura vai ocupar o resto da Escritura. O momento cruciante é êste. Demonstrou fé em muitas circunstâncias da sua vida, mas nesta hora êle demonstra fé "cristã". Romanos 4 mostra a significação da fé na vida de Abraão. Romanos 4:17: Deus dá existência às coisas. Mateus 22:31-32 confirma-nos a impressão.

Vamos passar a Isaque. Isaque é um exemplo de pacifista. O incidente mestre está principalmente no capítulo 26. Expressão interessante: "e cavou outro poço". O que aconteceu foi o seguinte: Êle cavava um poço porque o rebanho sem água não podia viver, mas vinham os vizinhos e criavam uma situação. No cap. 26 de Gênesis a expressão "E cavou outro poço" aparece várias vêzes, porque várias vêzes os inimigos avançaram sôbre o que era dêle. Para não questionar, êle deixava o poço e cavava outro. O final foi êste: Depois de tanta paciência teve recompensa. Os inimigos o procuraram e quiseram fazer amizade com êle, porque viram que Deus o abençoava. Êles disseram: Temos visto que o Senhor é contigo.

Jacó é um exemplo de conversão. Já temos enunciado essa grande lição na vida dêste patriarca. O suplantador, o enganador transformou-se num príncipe com Deus. Êle teve primeiro o nome de Jacó e depois o nome de Israel. Jacó, o enganador, deixa atrás um irmão

enganado e vai à frente encontrar um sogro a quem vai também enganar. Apesar das promessas que fêz a Deus em Betel, êle, até a Deus tenta enganar, sempre utilitário . "Se Tu me abençoares, se Tu me acompanhares nesta viagem, se Tu me fizeres prosperar, então"...

Na volta seu espírito é outro. Gênesis 32:26: "Deixando ir porque ja a alva subiu; porém êle disse, não te deixarei ir se não me abençoares. Disse-lhe: qual é o teu nome? E êle disse: Jacó. Então disse: Não se chamará mais o teu nome Jacó, mas Israel, pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens prevaleceste". Foi um encontro com Deus.

Enquanto a pessoa não se encontra realmente com Deus, não deu o passo definitivo na vida, e o mais significativo. Nada tem significação sem a conversão, o encontro com Deus, a decisão feita, de uma vez para sempre, de servir aos propósitos divinos.

Leiam-se os textos: Gênesis 28:4 — "E te dê a bênção de Abraão, a ti e à tua semente contigo, para que em herança possuas a terra de tuas peregrinações, que Deus deu a Abraão".

Gênesis 30:27 — "Então lhe disse Labão: Se agora tenho achado graça aos teus olhos, fica comigo. Tenho experimentado que o Senhor me abençoou por amor de ti".

Gênesis 43:13-14 — "Tomai também a vosso irmão, e levantai-vos, e voltai àquele varão. E Deus Todo poderoso vos dê misericórdia diante do varão, para que deixe vir covosco vosso outro irmão, e Benjamim; e eu, se fôr desfilhado, desfilhado ficarei".

A grande lição dos patriarcas é esta que a nossa vida deve ser dirigida por Deus. E' o Senhor, Todo Poderoso que traz a bênção e que trás a vitória; Êle nos guia pelos nossos caminhos.

Finalmente Gênesis 46:3. No final da vida de Jacó Deus está lhe dizendo: "Não temas descer ao Egito, porque eu te farei ali uma grande nação". Deus transformara Abraão em uma família ;agora diz que transformará esssa família em uma grande nação.

Estudaremos a gestação dela na próxima aula.

NOÇÕES DE PSICOLOGIA RELIGIOSA

Dr. Samuel Figueira

TEORIAS PSICOLÓGICAS DO FENÔMENO RELIGIOSO
(Continuação)

D) CARL JUNG. Para Jung, a religião é uma autêntica função do psiquismo, sob a dependência específica do inconsciente coletivo.

Esclareçamos.

Jung, um dos mais brilhantes discípulos de Freud, é o teorizador do inconsciente coletivo. Para êle, não basta distinguir na psiquê, o consciente — porção relacionada diretamente com o "eu", e o inconsciente, — o "amplo fundo indeterminàvelmente grande", porção noturna da personalidade; no inconsciente, êle distingue duas camadas: uma relacionada com as experiências pessoais, contendo os impulsos recalcados, lembranças adormecidas, e algumas expressões sensoriais não suficientemente fortes para atingir o consciente — é o inconsciente individual; resta porém, além dessa, outra camada contendo, não mais as experiências individuais, mas as grandes experiências da espécie. E' o chamado inconsciente coletivo. Para citar um exemplo, à guiza de ilustração, na análise do nome pessoal, temos um elemento individual — o pre-nome, e um elemento coletivo — o sobre-nome. Assim como o prenome é a expressão do presente, o sobrenome é depositário do passado, um traço de união que liga o indivíduo aos seus antepassados, e exprime a herança de caracteres que remontam a troncos familiares longínquos. Pois bem, o nosso parentesco é também uma realidade

no setor psicológico — é o inconsciente coletivo. Apenas uma diferença gigantesca separa o parentesco biológico do parentesco psicológico: enquanto o primeiro tem um âmbito relativamente restrito, o segundo é universal.

ARQUETIPOS

O conteúdo do inconsciente coletivo é constituído pelas chamadas "imagens ancestrais", que Jung também chama imagens arcáicas ou arquetipos. Que são essas imagens? São resíduos da memória da espécie, idéias que se encontram em diferentes povos da terra sem terem sido transmitidas pela tradição, nem pela propagação. Ouçâmo-lo: "É um fato que certas idéias se verificam quase em tôdas as partes e em todos os tempos, e que até podem aparecer de per si e espontâneamente, com inteira independência da tradição e da migração. Não são concebidas pelo indivíduo, mas ocorrem e ainda irrompem na consciência individual". (Psicologia y Religion, pág. 21). Como exemplo, cita as doutrinas cristãs do pecado, da redenção, a encarnação do Verbo (o Homem-Deus), a cruz, a concepção imaculada (do Filho de Deus), a Trindade, etc., e acrescenta que as doutrinas cristãs referidas "não são exclusivas do Cristianismo, se bem que êste lhe tenha dado tal desenvolvimento e perfeição de sentido que mal se pode comparar com as de outras religiões. Com freqüência encontramo-las em religiões pagãs..." (Op. Cit. pg. 76). A vinda do Messias, por exemplo, constituia uma esperança universal. Suetônio testemunhou: "Uma antiga e constante tradição, derramada por todo o Oriente, anunciava que em determinado tempo devia surgir da Judéia o dominador do mundo" (Vida de Vespasiano, apud Castelo Branco — A Divindade de Jesus, pg. 101); Castelo Branco cita ainda vários testemunhos insuspeitos sôbre o assunto. Voltaire: "Desde remotíssimas eras, grassava entre indus e chins a crença de que um sábio viria do Ocidente. A Europa dizia que o sábio viria do Oriente. Tôdas as nações assentiram a necessidade de um sábio" (Op. Cit. pg. 102). Volney: "As tradições sagradas e mitológicas dos tempos anteriores à era cristã, haviam levado por tôda a Ásia a esperança num sublime mediador, o qual devia vir Juiz supremo, salvador futuro, rei, Deus, conquistador e legislador, a inaugurar na terra a idade do ouro e a redimir os homens do império do mal." (Op. Cit. pg. 102). Roselly de Lorgues apresenta-nos, num livro antigo e ricamente erudito, um documentário maciço e exaustivo, provando como os grandes temas do Cristianismo são encontradiços nas religiões pagãs. A noção do pecado original,

por exemplo, é universal. "Perpetuada no antigo Oriente, encontramo-la igualmente na África, no continente americano e nos arquipélagos do Oceano Pacífico. Em tôda parte reinou noção de que a condição do homem havia sido mudada por uma falta. Os chineses... os indus... os parsis diziam: "Em qualidade de filho de Meschia e de Meschané, Adão e Eva), o homem nasce impuro". Todos os povos concordes com Platão, reconheceram que "a natureza e as faculdades do homem foram mudadas e corrompidas desde o princípio, no tronco de que descenderam" (Jesus Cristo Perante o Século, g. 328). Sôbre a encarnação do Verbo, diz De Lorgues: "Tradições derivadas dos tempos ante-diluvianos se haviam espalhado por todo o Oriente. e anunciavam um redentor divino. Os povos confiavam que êsse mediador havia de reconciliar com o Céu a humanidade. Todos esperavam por um deus que deveria encarnar-se, e apesar de seu poder. sofrer tôdas as misérias, perseguições, as necessidades humanas,... enfim a morte. A predição de seu nascimento milagroso do seio de uma virgem estava tão acreditada que, em quase tôdas as teogonias se encontra a encarnação de um deus" (Op. pg. 329). Cita a seguir, vários povos nos quais se encontram essas tradições. Os egípcios, os indus, os chinêses ,os tibetanos, os japonêses, os povos bárbaros da América, os germanos os druidas e outros: "Os hindus e os bramas ensinavam que Buda nasceu da virgem Maha-mai. Em geral, no Tibet, no Japão e na China, vivem os povos na persuasão que um deus, querendo salvar da corrupção o gênero humano, se encarnara no seio de uma virgem. A êsse Deus chamam uns Che-Kia..." (Id. pg. 330).

A redenção pela morte de um deus — eis outro tema universal. Na China, os livros likigki anunciavam um herói que deveria repôr tudo na ordem primitiva, e mediante seus próprios padecimentos abolir os crimes. E' o Santo. Os Kings falam dêsse personagem misterioso. Êle existia antes do céu e da terra. Posto que muito excelso, sua natureza é semelhante à nossa. "Tren-Gien será o deus-homem; andará entre os homens, e os homens não n'o conhecerão. Ferí o Santo, rasgai-o com açoites, ponde o ladrão em liberdade..." Em todos os países, acrescenta De Lorgues, quer civilizados, quer bárbaros, existia a crença de que um deus-homem haveria de resgatar, com seu sangue, a criminosa humanidade. Esquilo, um dos mais profundos mitólogos reuniu na figura de Prometeu todos os particulares da vida do Redentor, e deu à Grécia o espetáculo de um deus que condenava à morte outro deus. Platão, fazendo o retrato simbólico do Justo, diz: "Virtuoso até à morte, êle passará por injusto e perverso, e como tal será flagela-

do, atormentado, e por fim posto na cruz" (Ibid. pg. 336).

Jung rotula essas crenças de arquetipos, ou imagens, são as "imagens cristãs que não são exclusivas do Cristianismo", e que "com freqüência encontramos em religiões pagãs".

Como se explica a universalidade dessas imagens ou arquetipos?

— Enquanto os religiosos consideram que o âmbito da revelação não está estreitado no campo do Judaismo ou do Cristianismo apenas, e mostram como Deus revelou considerar povos pertencentes à chamada gentilidade, isto é, povos não judeus nem cristãos, como no caso de Nínive, cidade à qual Jeová mandou um mensageiro especial; Jung, à luz de sua doutrina do inconsciente coletivo, acha que há em todos os homens, uma disposição comum para cristalizar as figuras representativas (as grandes idéias, as noções comuns de divindade, anjos, demônios, e até de dogmas, como a Trindade, a redenção, e os já citados) não segundo conceitos intelectivos, racionais, mas de acôrdo com um padrão universal, coletivo, irracional. Essa disposição se transmite por herança. Faz parte da estrutura psíquica do homem. Assim pois, não temos sòmente caracteres somáticos e psíquicos gerais, comuns a tôda a humanidade, mas também crenças, noções gerais, categorias lógicas.

Tentando esclarecer o processo de formação dos arquetipos, Jung compara ao sistema exial de um cristal que predetermina a formação cristalina na água-mãe, sem possuir o mesmo existência material. O sistema axial determina a forma concreta do cristal. Assim como o cristal, possui o arquetipo um núcleo de significação invariável.

Jung acentua pois, em sua doutrina mais um aspecto do parentesco universal. Como o diz Ramon Sarró, "mercê de uma profusão deslumbradora de exemplos, o leitor vai percebendo o seu parentesco com tôdas as culturas. Descobre que uma região de si mesmo que ignorava, é uma espécie de receptáculo dos grandes temas que têm comovido a Humanidade. Tem a visão grandiosa de sua afinidade com os vedas, os egípcios, com os antigos incas e com os antigos germanos, com os chineses e com os africanos... Esta camada de sua psiquê comum com a humanidade de todos os países e de tôdas as épocas — é o inconsciente coletivo" (El Yo y el Inconsciente, pg. 23, de Jung).

Como vemos, a psicologia de Jung trouxe mais uma dimensão à realidade psicológica encarada de modo unilateral por Freud. Para Freud, a análise do inconsciente é a revelação da bestialidade humana; para Jung, "existem nêle forças latentes de aperfeiçoamento,

bases de tôda crença, da moral e do sentimento religioso".

Para Jung, o velho Heráclito descobriu na antiguidade, a mais importante lei psicológica de todos os tempos, que é a da "harmonia dos contrários", isto é, uma fôrça capaz de regular e harmonizar o racional e o irracional. Assim pois, a neurose não é líbido recalcada, como quer Freud, nem instinto de afirmação pessoal reprimido como quer Adler, mas sim "religiosidade reprimida". "Os deuses negados se convertem em fobias, obcessões, delírios" (El Yo y el Inconsciente, pg. 24). E' a rutura desta harmonia entre o racional e o irracional, o combate dos conteúdos irracionais pelo racionalismo — o que responde em geral pelo mecanismo das neuroses. Para Jung, o racional e o irracional são duas faces inalienáveis da vida psíquica. Combater o irracional — é um dos erros palmares do racionalismo que êle ataca nos seguintes têrmos: "Para certa mediocridade intelectual, caracterizada por um racionalismo ilustrado, uma teoria científica que simplifique as coisas constitui um excelente recurso de defesa, devido à inquebrantável fé do homem moderno em tudo que leva a etiqueta de "científico". (Psicologia y Religion, pg. 75). Enrique Butelmann, prefaciando a citada obra de Jung, diz: "Condicionado històricamente, Freud "vê como sua época o obriga a ver". Em outras palavras, não podendo libertar-se do materialismo científico dos fins do século XIX, concebe o inconsciente de modo exclusivamente racionalista e intenta explicar tôda criação espiritual à luz de sua imagem mecanicista do universo. Daí sua teoria da sublimação, e o considerar tôda a cultura humana como mera derivação do instinto sexual. Daí também sua valoração negativa dos fatores irracionais.

O irracional porém, existe; é um fato psicológico. Portanto como tal hemos de considerá-lo, cuidando de não violentar sua idiosincrasia... O contrário equivale a um arbitrário estreitamento do campo da experiência." (Id. pg. 12).

Assim entendido o conteúdo do inconsciente coletivo, torna-se intuitiva a teoria da religião. E' a submissão a poderes superiores, um fator dinâmico inconsciente que se apodera do sujeito e o dirige, uma fôrça que irrompe e domina o indivíduo. Em sua expressão textual, "religião exprime a particular atitude de uma consciência transformada pela experiência do numinoso". Numinoso vem a ser "a propriedade de um objeto visível ou o influxo de uma presença invisível que produz uma especial modificação da consciência", constituindo "uma condição do sujeito, independente de sua vontade" (Ibid., pg 22).

Como se desperta essa fôrça que muitas vêzes dormita em nosso ín-

timo? Na experiência individual, "essa condição está coordenada com uma causa externa ao indivíduo".

Em que se baseia Jung? — No estudo de amplo material no campo da mitologia, do folk-lore, da interpretação dos sonhos, e da psicopatologia.

* ★ *

Inegàvelmente, Jung teve o mérito de revelar mais uma dimensão do fenômeno religioso: a sua radicação no inconsciente coletivo. Notemos que Freud fêz derivar a religião do inconsciente individual. Ambos, porém, foram unilaterais porque encararam aspectos isolados da religião. Os espiritualistas tradicionais vincularam a religião ao consciente, de modo exclusivo. Basta assistir uma cerimônia religiosa num povo bárbaro para se chegar à evidência do dinamismo inconsciente que a anima. Mas não é possível também dissociá-la de sua raiz consciente, principalmente nos povos mais civilizados.

O grande êrro dos teorizadores da religião tem sido monopolizar o seu significado, tentando simplificá-la às custas do sacrifício de sua complexidade estrutural. Jung, por exemplo, restringe o campo da experiência de modo arbitrário, negando a influência da vontade no fenômeno religioso, o que conduz ao determinismo.

Por outro lado, sua teoria tem o mérito inconfundível de focalizar a importância de fatos da mais alta significação, como os que servem de base à concepção dos arquetipos, as crenças universais. Todavia, negando a confluência do racional na gênese da religião, chega a conseqüências extremas como o determinismo religioso.

Como veremos mais tarde, Fromm atribui um papel fundamental à razão na origem e evolução do sentimento religioso.

Assim pois, na harmonia dos "contrários" encontraremos uma visão tridimensional do fenômeno religioso associando o que há de verdade nas teorias de Freud, Jung e Fromm, isto é, reconhecendo as fontes no inconsciente individual, no inconsciente coletivo, e na própria razão. São valiosas contribuições ao conhecimento das raízes do fenômeno religioso.

(Continuaremos)

A CONCEPÇÃO CRISTÃ DA RAÇA

A despeito de tôdas as provas científicas que destróem o preconceito racial, as relações entre as raças ainda permanecem críticas. Daí a necessidade de reafirmar a concepção cristã, porque só o espírito cristão porá abaixo o separatismo e implantará a fraternidade universal. Essa concepção aparece na exposição que transcrevemos, do Secretário do Conselho Mundial de Igrejas, preparada para os estudos recentemente publicados pela UNESCO.

"A respeito da concepção cristã da raça existe uma crescente coincidência de opinião entre os pensadores cristãos. As igrejas têm crido sempre na unidade fundamental da humanidade. Quando homens de ciência convocados pela UNESCO declararam "que todos os homens pertencem à mesma espécie, à do **homo sapiens**, e desdendem de um mesmo tronco comum" (declaração de setembro de 1952), os que conhecem o N. Testamento recordarão as palavras de Paulo, escritas há dezenove séculos: "Êle é o que de um só fêz nascer tôda a geração dos homens, para que habitasse a vasta extensão da terra" (Atos 17:26). Mas, não se pode negar que em vários períodos da história das igrejas cristãs a fôrça dessa convicção fundamental foi gravemente debilitada por causa da aceitação de ideologias ou doutrinas que estabeleciam uma hierarquia racial. Assim, a atitude da Igreja ante o povo judeu, que nos primeiros séculos da era cristã esteve totalmente fundada em razões religiosas e teológicas, se converteu desde a época de Constantino o Grande, e especialmente durante a idade média, em uma estranha combinação de justificáveis motivos teológicos e do mais anti-cristão anti-semitismo. O

resultado foi, segundo demonstram as leis da época, que os judeus foram considerados como uma classe inferior de sêres humanos. Ademais, quando as nações ocidentais entraram em contato direto com os povos da África e chegaram a exercer sôbre êles sua supremacia, certos teólogos pretenderam justificar essa dominação baseando-se na maldição que Noé lançou contra o filho de Ham, segundo a qual êle havia de ser "um servo dos servidores de seus irmãos" (Gênesis 9:25). Mais recentemente temos conhecido o infeliz fenômeno de um movimento que pretendeu combinar o cristianismo com o racismo nacional-socialista. Felizmente, podemos dizer que essas aberrações encontraram decidida oposição e que hoje é difícil encontrar um teólogo sério ou uma autoridade eclesiástica que defenda tão fracas armações teológicas construídas "em defesa da má causa". A declaração da importante conferência ecumênica reunida em Oxford, em 1937, reflete essa concordância geral de opinião ao manifestar que "não há razões para estabelecer nenhuma diferença entre as raças quanto ao seu valor intrínseco. Por tôdas vela igualmente, pois que tôdas foram criadas por Êle para pôr a seu serviço o s dons singulares e distintos de cada uma" (The Churches, p. 72).

Devemos esclarecer, contudo, que a concepção cristã de raça tem características distintivas, podendo dizer-se que é mais teocêntrica que antropocêntrica. A afirmação de Paulo, citada anteriormente, principia com estas palavras: "O Deus é o que de um só fêz nascer tôda a geração dos homens". Nessas palavras está a diferença entre um vago cosmopolitismo que considera as raças e nações como puros acidentes e a concepção cristã que as admite como parte da estrutura da vida humana, que é um dom de Deus. A igreja cristã não defende nenhuma forma de racismo. "Contra o endeusamento ou antagonismo racial ,a igreja deve lançar-se como contra uma rebelião de desobediência a Deus" (The Churches, p. 58). Mas isso não significa que ela defenda um inter-racismo abstrato.

Enquanto "raça" corresponde a um conceito puramente biológico, não há razão para atribuir-lhe um significado espiritual. A côr da pele não tem relevância alguma do ponto de vista dos valôres cristãos. Mas no transcurso da história os principais grupos denominados raças têm sido os portadores de experiências específicas, experiências históricas, e criaram determinadas formas de cultura. E' útil recordar que a ciência moderna nos ensina que as chamadas raças não são compartimentos estanques nem entidades imutáveis, o que nos ajuda a evitar o perigo de considerar absolutas as características culturais distintivas de tôda raça.

Contudo, essas características existem, e não atendê-las ou negá-las em atenção a uma conformidade geral é tão errôneo como negar às pessoas o direito à função específica de seus próprios dons e faculdades. Nesse sentido é verdade que, segundo manifestou a Conferência de Oxford em 1937, "cada uma das raças da humanidade tem sido beneficiada por Deus com dons distintos e singulares" e que "o cristão olha as diferenças raciais como parte da vontade de Deus para enriquecer a humanidade com uma diversidade de dons". O reconhecimento dessas diferentes faculdades não significa uma diferença de raças quanto ao valor intrínseco das mesmas.

Essa situação não é estática. Podem produzir-se novas situações como se produziram no passado e existem hoje em algumas partes do mundo, onde várias raças se têm unido numa nova síntese. Essas misturas devem ser bem recebidas e respeitadas como uma contribuição para a vida comum da humanidade. O grande evangelizador africano Aggrey gostava de repetir a parábola das teclas brancas e pretas do piano que, juntas, produzem música harmoniosa. Parábola exata se é entendida não com relação à côr mas à função. As diferenças raciais são autênticas mas relativas, já que vão endereçadas ao cumprimento do destino da humanidade como um todo. Em última análise, os homens todos pertencem a uma só raça humana, que Deus criou e deseja salvar."

———)•(———

JESUS CRISTO

"Cristo é a expressão visível do Deus invisível. Êle existiu antes da criação, pois foi através dêle que todo foi feito, seja espiritual ou material, visível ou invisível. Através dêle, e para êle, também, foram criados o poder e o domínio, a autoridade e a posse de tudo. Êle é tanto o Primeiro Princípio como o Princípio de Sustentação de todo o esquema da criação. E êle é a cabeça do corpo que é composto do povo cristão."

Paulo aos Colossenses

MÉTODOS DE EVANGELIZAÇÃO.....

(O método preferido pelo I.C.R.)

Oscar Arruda

A excelente revista devocional "No Cenáculo" de maio-junho de 58 traz diversas meditações sôbre o tema "Porque amo a Igreja".

Amo a Igreja porque é uma oportunidade para se conduzirem jovens à vida cristã. Na Igreja encontramos Deus e estreitamos amizades preciosas que nos ajudam a viver num mundo melhor. Jesus ia, todos os sábados, habitaulmente, ao templo, legando-nos assim um exemplo de assiduidade no que se refere ao nosso comparecimento na igreja (Lucas 4:16). O sermão, as preces, os cânticos exercem inegável influência nos que ali comparecem com espírito receptivo. Amamos a Igreja pela influência sensível que ela exerce mesmo sôbre aquêles que se esquivam de atravessar as suas portas abertas: pois é evidente que êstes não podem fugir da santificadora influência que ela tem sôbre a comunidade em que vivem. Como as ovelhas têm necessidade do redil, nós temos necessidade da Igreja. Na igreja executa-se um trabalho de equipe no plano da vida espiritual. A companhia, a proximidade dos irmãos, robustecem a nossa devoção, ajudam-nos a mais fàcilmente realizarmos em nós a presença do Mestre. A Igreja é dedicada à adoração de Deus: nela se revelam as escrituras, é nela que renovamos as nossas fôrças para sermos testemunhas de Jesus na sociedade em que vivemos.

Todos êstes, não há quem o negue, são argumentos válidos, que nós acolhemos de todo o coração.

Todavia, o I.C.R., desde a sua fundação há mais de 20 anos, vem dando preferência a um método de

sua criação e que consiste em evangelizar fora das igrejas; com efeito, suas prédicas, suas conferências, suas reuniões artísticas se fazem sempre que possível, preferentemente, em lugares neutros: salões, clubes, sedes de sociedades recreativas ou culturais, teatros, etc.

Uma infidelidade àqueles enunciados? Uma contradição? Ignoramos se no passado já se tentou a análise dêsse procedimento, a justificativa dessa preferência. Pois surpreendeu-nos gostosamente encontrar numa revista estrangeira justamente essa análise e essa justificativa.

A revista CHRISTIANITY TODAY, n.º de 29 de setembro de 58, traz interessante artigo assinado por Stuart Bartoh Babbage a respeito do método de evangelização que êle diz ter sido descoberto pelo evangelista Allan Walker, homem de impressionantes dotes oratórios, autor de livros notáveis sôbre questões evangelísticas. Tendo realizado uma campanha de evangelização na Austrália, chegou à conclusão da excelência do método evangelístico do I.C.R., que êle comenta e defende da seguinte maneira:

"As reuniões evangelísticas devem-se realizar em "território neutro". Fizemos uma significativa descoberta na Austrália. De uma extremidade a outra dêsse país, verificamos que os auditórios eram sempre duas ou três vêzes maiores quando as reuniões se realizavam, não em templos, mas em salões, teatros ou edifícios públicos. Constatamos isso de uma maneira tão consistente que já agora nos recusamos a planejar evangelismo em parte alguma a não ser em território neutro, pois é certo estarmos interessados em pessoas que estão fora do alcance das igrejas. Essa descoberta foi-nos muito surpreendente e por isso resolvemos descobrir a sua psicologia. Porque é que certas pessoas mostram-se prontas a comparecer aos salões públicos e todavia evitam entrar nas igrejas? A principal razão é que muitas pessoas não gostam, acima de tudo, de serem chamadas de hipócritas. Alimentam a idéia errada de que entrar numa igreja é professar a fé que aí se cultúa. Não lhes agrada parecerem cristãs perante pessoas que, conhecendo-lhes a vida irregular, sem dúvida as apodariam de insinceras ou incongruentes. Ficam, portanto, para fora. Também, entrar numa igreja é lançar-se no estilo de culto aí seguido e é então que nasce o mêdo de se embaraçarem ignorando como proceder através do desenrolar dos atos dêsse mesmo culto. Assim é que, de preferência a serem observadas estar de pé ou sentar-se em momentos inoportunos, ou a folhear canhestramente um hinário ou um livro de preces, que outros conhecem tão bem, essas pessoas acham melhor ficar de fora. Não

foi talvez, outra, a situação que Jesus divisou quando, de preferência a falar nas sinagogas, êle pregava ao ar livre. Essa mesma descoberta fê-la, talvez, João Wesley quando, em seus dias, saía para fora das igrejas, ao encontro de pessoas distantes. Então, como agora, parece certo que, se queremos ganhar homens para a igreja, devemos procurá-los e argui-los onde êles se encontram, isto é, fora das igrejas. E' certamente muito lógico dizer-se que é um desperdício de tempo pregar nas igrejas com o fito de alcançar pessoas que não vão às igrejas."

Termina o articulista: "Aí está um atraente comentário e uma conclusão desafiadora. Essas observações são dignas de séria reflexão."

———)•(———

RAPOSAS NO SANTUÁRIO

Havia cinqüenta e dois anos que a cidade de Jerusalém jazia na sua desolação. Era um montão de pedras sôltas. Em um local ou outro se viam manchas de casas pobres. Eram refúgios dos cristãos. O recinto do templo transformara-se em ninho de raposas.. Num dia em que chegou ali o Rabi Aquiba, com alguns companheiros, um dêsses animais fugiu do local sagrado exatamente de onde outrora se erguia o santo dos santos. Os peregrinos romperam em chôro convulso. O Rabi procurou consolá-los dizendo que o que estava diante dos olhos dêles era o cumprimento das palavras de Jeremias que dizem: "Pelo Monte de Sião, que está assolado, andam as raposas" (Lamentações V:18).

Êsse fato está narrado no Talmud de Babilonia (Maccoth, 24 B).

* * *

No itinerário da vida a época dos privilégios é seguida pela do acêrto de contas. Que maravilhosos privilégios teve Jerusalém! Não se tendo utilizando dêles convenientemente, chegou para ela o dia da destruição. Além de ser fato histórico, êsse caso também é um símbolo. Na vida individual acontece o mesmo: depois das grandes oportunidades, chega o momento ou da recompensa radiosa ou do castigo implacável.

UMA ESCOLHA MÁ

(Gênesis XIII:11)

A capacidade de tomar decisões na vida é um dos grandes dons da personalidade. Qunado o homem, dominado pelos maus sentimentos se escravisa e vai perdendo êsse poder, diminui-se muito a seus próprios olhos. O poder de pesar os motivos, de considerar os prós e os contras é um dos elementos que distinguem o homem do animal. Êsse poder de escolha traz consigo grande responsabildade. Um dos perigos mais constantes de errar no exercício dêsse dom esplêndido se verifica quando o homem deixa penetrar em sua alma, como fôrças determinantes das suas escolhas motivos menos nobres. O caso que vos apresento é um exemplo dessa triste verdade.

* ★ *

Abraão saíra de Haran com seu sobrinho, desejoso de possuir a t erra santa que lhe fôra prometida por Deus. Chegando nessa região e tendo sido ela sassolada pela fome, transferiu-se Abraão com sua família para o Egito. Lá esteve alguns anos e, depois de muitas experiências doces e amargas, voltou a Canaã. Enriquecera-se muito. Saía conduzindo grandes rebanhos. Seus pastôres tiveram desavenças com os de seu sobrinho Ló. O velho Abraão propôe-lhe então uma medida para encerrar as contendas. Separar-se-iam. Ló aceita e escolhe uma parte da terra em que devia residir. E essa escolha tem algumas peculiaridades que exemplificam bem a seguinte tese:

MOTIVOS INDESEJÁVEIS NA DETERMINAÇÃO DA NOSSA VIDA

I — **A proeminência dos interêsses materiais.** Ló, achando-se numa oportunidade especialíssima de sua vida, tomou uma decisão levada mais do que tudo por essa ordem de interêsses. Viu que a terra era boa, produtiva, num local que lhe poderia garantir futuro financeiro e esqueceu-se de muitas outras coisas que não poderiam ser olvidadas. Es-

queceu-se de que Abraão era velho, que era seu tio, que lhe tinha feito muitos benefícios e que, por isso tudo devia caber-lhe a parte melhor. Tôdas essas considerações de ordem moral desapareceram do espírito de Ló, no momento em que falaram os interêsses metálicos. Essa situação era mais grave ainda pelo fato de já ser Ló bem rico. Não era pròpriamente uma necessidade que êle tinha de procurar riqueza para o seu sustento. Era a ganância que não se satisfaz com o que possui. Quantas pessoas há que agem dessa maneira no mundo moderno? Que só pensam em têrmos de lucros e de perdas? Que vivem perpètuamente a calcular as probabilidades de aumentarem seus haveres?

II — **Desrespeito pelos direitos alheios.** Isso era alguma coisa mais grave. A terra era de Abraão. A êle é que Deus a prometera. Se Ló tivesse considerado essa circunstância, se a tivesse alegado perante o velho tio, se tivéssemos alguma palavra sua que reconhecesse êsse direito de Abraão, se êle se recusasse a escolher e se submetesse ao que Abraão lhe houvesse dado, sua personalidade seria muito mais simpática, mereceria bem mais respeito. Mas êle rechou os olhos aos direitos do tio. Êsse é um mal horrível em nossos dias.

Se nos dermos ao trabalho de ler a literatura que propaga o socialismo e as doutrinas terroristas que visam abolir as atuais formas de govêrno do mundo, notaremos que a nota que elas ferem contìnuamente para abrir caminho na opinião pública é quase semper a mesma. E' a alegação de que uma grande parte da sociedade atual se locupleta de riquezas prccisamente porque não tem respeito pelos direitos da classe que trabalha e que produz riqueza. Uns produzem e outros exploram.

Sem entrar no mérito dêsses sistemas que vão coordenando fôrças sociais em seu favor, podemos afirmar que as suas alegações são provas de que o espírito de Ló aí está vivo e prejudicial na sociedade moderna. Êsse espírito é que está criando um dos problemas políticos que desafiam a capacidade dos grandes estadistas modernos.

III — **Desprêzo pelo fator religioso.** Abraão era uma fôrça religiosa. Era o homem que levantava altares. Sua companhia, era uma influência espiritual recomendável. Mas Ló, por amor a seus próprios interêsses, prefere separar-se do tio e habitar nas cercanias de Sodoma cujos habitantes eram perversos. Parece que o desejo de viver em um ambiente que favorece o desenvolvimento de sua religião não o preocupou muito.

Hoje êsse é um mal que domina grande parte da sociedade humana. Até mesmo entre os crentes não há nesse particular o escrúpulo

que devia haver. Quantas vêzes na elaboração de nossos planos, não cogitamos bastante se êles vão ou não melhorar a nossa vida espiritual. Às vêzes, como que duvidando que êles expressem a vontade divina a nosso respeito, nem chegamos a orar convenientemente pedindo sôbre êle as bênçãos de Deus.

Sei de uma pessoa que ao ter de transferir residência de um lugar para outro, estava indecisa sôbre se devia ou não dar êsse passo, porque o lugar para onde ia não tinha trabalho evangélico. Essa mostrava relacionar seus planos da vida terrena com os interêsses religiosos.

* * *

E' bom determo-nos um pouco no estudo das conseqüências da escolha má de Ló:

a) perdeu tudo que possuía.

b) foi feito cativo de reis estrangeiros. O próprio Abraão, de quem êle se separara sem consideração alguma, é que foi libertá-lo.

c) veio a depender de Abraão. Êste é que intercedeu a Deus por êle, para que não fôsse destruído com os habitantes de Sodoma.

d) apesar de tudo não pôde mais salvar a sua própria mulher da corrupção do meio a que êle mesmo a atirou.

Parecem excessivas tôdas essas penas, mas, a cada passo, a sociedade moderna nos apresenta fatos semelhantes que mostram os efeitos dos motivos que orientaram a escolha de Ló.

* * *

E' necessário examinar também o procedimento de Abraão. Percebeu o espírito que dominava o seu sobrinho e não se irritou. Foi generoso. Teve amor à religião. A frase que se acha no contexto "E os cananeus habitavam então a terra", frase que tem dado tanto trabalho à alta crítica, arece ter uma ligação íntima com o procedimento de Abraão. Visto como estavam na terra pessoas que eram de outras crenças, êle não quis dar perante elas um testemunho mau de sua fé. Por isso mesmo cedeu tudo a Ló. Tinha, ao contrário de seu sobrinho, muito respeito pela religião. Deu também mostra de muita fé. Dava a me-

lhor parte a Ló, certo de que Deus não o deixaria sem auxílio. Na sua atitude, pois, havia muita fé.

Que é que lhe aconteceu em virtude de tudo isso? Diz a Escritura que um anjo lhe apareceu e que as promessas que recebera de Deus foram rnovadas: Uma grande bênção, na realidade.

* ★ *

Ninguém pode esperar hoje essas manifestações do poder divino. Mas uma vida orientada por motivos nobres quais foram as do velho patriarca tem ainda recompensas — no beneplácito da consciência e na paz íntima — tão altos e tão delcitáveis como as que encheram a alma do ancião dc Hur dos Caldeus.

———)•(———

INFLUÊNCIA PÓSTUMA

Gibbon, analisando a personalidade de Trajano, mostra como êsse imperador era ambicioso e como estendeu o mapa da suas conquistas. Seus sucessos foram rápidos. Aproveitando-se da fraqueza de certos povos desunidos êle os venceu. Marchou depois para o Oriente e desceu o Tigre, sempre alcançando triunfo. Das montanhas da Armênia foi até ao golfo Pérsico. Gozou da honra de ter sido, entre os generais romanos, o primeiro que navegou naquele mar longínquo. Quase que diàriamente o senado recebia notícias de novas nações, conquistadas e soube, deslumbrado, que os reis do Bósforo, da Ibéria, da Albânia e muitos outros se submeteram no domínio do Império. Até nações como a Armênia, Mesopotâmia e Assíria foram reduzidas à provínvias de Roma.

Êsses são os fatos objetivos. Mas Gibbon não se limita a narrá-los e procura encontrar, na alma de Trajano, a fôrça que o estimulava. Não foi difícil descobrí-la. O imperador romano ficou deslumbrado com a personalidade dc Alexandre o Grande, com os elogios que êle recebeu, transmitidos ao mundo por uma plêiade de poetas e historiadores. Quis, então, imitar o famoso conquistador da Macedônia. Suas grandes energias foram concentradas nesse propósito dominante. Alexandre, quando estendia por tôda parte suas conquistas, decerto não imaginava que um dia seu exemplo pudesse estimular com tanto vigor outro conquistador a seguir-lhe os passos. A vida de todos os homens, tem, como a de Alexandre, uma influência póstuma que pode ser boa ou má.

RELIGIÃO DE PALAVRAS

Sabatini Lalli

Falando a respeito das "palavras", alguém disse: "Inventa sunt verba ut non manifestentur sensa" "As palavras foram inventadas para que os pensamentos não sejam manifestos"). A extraordinária capacidade de falar ,o maravilhoso dom da linguagem articulada e inteligente, coloca o homem numa posição de preeminência entre os seres criados. Através da linguagem o homem não só está em condições de expressar os seus verdadeiros pensamentos, sentimentos e desejos, mas, também, — oque é profundamente trágico para sua vida e para o seu destino —, está em condições de ocultar os verdadeiros pensamentos, sentimentos e desejos elaborados nos mais íntimos recesso de sua consciência. O homem é capaz de mentir, é capaz de dissimular!

A linguagem do homem, mesmo quando honesta e sincera, é inadequada e, por isso, freqüentemente, o homem é impreciso, obscuro e confuso no modo de dizer, sobretudo quando se trata de focalizar os grandes problemas que envolvem a vida humana. A observação dêste fenômeno é comum mesmo nos livros. José Ortega y Gasset, notável pensador espanhol, falando a respeito do bom livro, disse: "Um livro só é bom à medida em que nos permite travar um diálogo latente com o autor, à medida em que percebemos que o seu autor sabe ibaginar o leitor e à medida em que o leitor sente, nas entrelinhas, que o autor quer acariciá-lo ou dar-lhe uma bofetada"(1). Vale dizer, que um livro só é realmente bom, quando, pela clareza e objetividade da linguagem sem subterfúgios, comunica idéias vivas e provoca reações emotivas favoráveis ou desfavoráveis. São palavras ditas com um propósito definido, são palavras que têm endereço certo!

Nossa época se caracteriza pelo desprestívio da palavra. O grande

filósofo da terra de Cervantes, citado atrás, disse que o desprestígio da palavra é uma decorrência natural do hábito que os homens têm adquirido de falar "Urbi et Orbe", isto é, a todos e a ninguém! A palavra se tem prestado aos mais desencontrados objetivos e, ao ser proferida pelos homens públicos, pelos líderes, não leva endereço certo. Os oradores do nosso tempo "usam da palavra sem respeito nem precauções, sem perceber que a palavra é um sacramento de mui delicada ministração"(2). Principalmente os políticos dos nossos dias, os homens cujas mãos dirigem os destinos do mundo em nosso século, pricipalmente êles, lançaram a palavra no mais obscuro ostracismo, tornaram-na desacreditada. Esta é a tragédia do nosso século! Entretanto, os políticos não estão sòzinhos. Acompanham-nos muitos religiosos e muitas religiões!

Em sua Primeira Carta aos Coríntios, 4:20, Paulo emprega esta expressão: "O reino de Deus não consiste em palvras, mas em virtude". Parece-nos que, já nos dias de Paulo, a palavra não gozava de muito prestígio, pois, era pela palavra que muitos chamados cristãos ocultavam o seu pensamento, era pela palavra que mentiam, era pela palavra que a hipocrisia tomava corpo dentro e fora da Igreja! Muitos dos homens a quem Paulo se dirige professavam a religião de palavras, não a religião da Palavra!

A religião de palavras é vazia. Uma jarra vazia é um recipiente que não contém coisa alguma ou, quando muito, está cheio de ar. Se a jarra é de porcelana oriental e de fino lavor artístico terá, pelo menos, um valor decorativo. Assim é a religião de palavras: vazia! Se a forma externa que uma tal religião apresenta no seu culto, é rica em formalismo e aparatos rituais, essa religião tem, também, apenas o valor decorativo: é bonita, fascinante, mas... vazia!... Por outro lado, a jarra além de ser bonita, pode estar cheia e, no entanto, pode ser considerada vazia. Imaginemos um homem que, devorado pela sêde, atravessa um deserto inclemente. Ao longo do caminho arenoso, depara-se êle com uma linda jarra cheia de... areia! Digamos que em vez de areia a jarra contenha veneno ou outra substância que não lhe possa matar a sêde atroz. Apesar de cheia, a jarra continua vazia, terrìvelmente vazia! Assim é a religião de palavras. Ela não dessedenta a alma humana, não lhe oferece alívio nem confôrto no longo e penoso caminho da existência sôbre a terra!

A religião dos gregos, incorporada em muitos oráculos, alguns dos quais muito famosos, por ser uma religião de palavras, caiu em desprestígio dentro da própria Grécia. O desprestígio do Cristia-

nismo, em muitos aspectos, se explica, porque, tràgicamente, muitos dos seus representantes o transformaram numa religião de palavras! Adulteraram-no, extraindo-lhe do culto singelo a espiritualidade vivificante. Há pessoas que se dizem cristãs, mas vão às Igrejas, levando um coração completamente vazio. Vão apenas para cumprir uma formalidade social! Mas a virtude, o poder da religião cristã, está longe da vida, longe dos atos, longe dos negócios! Dir-se-ia que, desgraçadamente, tais pessoas são apenas objetos de adôrno, ou pela riqueza dos trajes ou pelo ridículo das atitudes! Além de ser vazia, a religião de palavras "incha". Notemos a semelhança gráfica entre o verbo "inchar" e "encher". Quando comparamos dois corpos, um inchado e outro cheio, isto, é revestido de uma encarnadura firme e consistente, bem nutrida, estabelecemos logo a diferença: o primeiro é doente e o segundo é sadio. Na passagem já citada, Paulo diz: "Alguns andam inchados, como se eu não estivesse para ir ter convosco" (Vers. 18). O verbo empregado para disignar o estado de "inchado" é o verbo "phisiáo" e quer dizer: "encher-se de orgulho ou de vaidade". A religião de palavras não nutre, não dá consistência espiritual à alma, mas torna o espírito enfêrmo, inchado! Em sua obra "Historia de la Religiosidad Griega", Martin P. Nilsson nos conta que a cerâmica ática, do Século VIII A.C., reproduz cenas de enterros pomposíssimos e, segundo o mesmo Autor, êstes enterros refletiam o orgulho pessoal e familiar do que ia ser sepultado. Além disso, o assombroso número de ofertas valiosíssimas encontradas na Acrópole, ofertas feitas à deusa Atena, constitui um atestado inequívoco do orgulho e da ostentação de uma grande parte dos habitantes da Grécia.

Em cetras formas de Cristianismo, notamos o mesmo fenômeno observado na religião dos gregos. Não é de admirar, pois, que São Paulo encontrasse êste mesmo problema entre muitos dos chamados cristãos gregos de Corinto. Faltava a estas pessoas a verdadeira experiência da conversão e, assim, conversavam, na nova religião, os vícios e os hábitos da religião de origem! Além de ser vazia e de inchar, a religião de palavras "mata".

Como podemos justificar na Igreja Cristã da atualidade a existência de muitas consciências insensíveis? Notemos que consciência insensível é sinônimo de consciência morta. São consciências sepultadas na "letra", na "palavra". A "palavra" é um sepulcro sonoro que tem a capacidade de narcotizar a consciência. Foi a religião de "palavras" de escribas e fariseus que matou a consciência de muitos israelitas! Foi esta a religião de palavras que Cristo estigmatizou com o seu verbo canden-

te. A "letra mata, mas..." O nosso Cristanismo, em muitos pontos, tem sido um Cristianismo de adjetivos. Temos adjetivado o substantivo ,isto é, temos retirado da palavra viva e operante do Evangelho a essência, o poder, a virtude, o "dynamis". Por isso a nossa religião tem sido só de palavras...

Entretanto, o Evaneglho é a religião não de "palavras", mas da "Palavra". É a religião da Palavra que Deus falou, do Verbo feito Substantivo! O conteúdo dêste Substantivo é de carne e se chama Jesus Cristo! Não é a religião da palavra abstrata, mas da palavra viva, que comunica poder, virtude, "dynamis". É a Palavra que redime!

Esta é a religião de que todos os homens precisam. A religião cristã, antes de ser um sistema de doutrinas, antes de ser dogma, é uma pessoa, é Jesus Cristo! O têrmo "religião", vindo de "religare", do Latim, segundo alguns autores, nos dá a idéia de uma nova relação do homem com a divindade que êle cultua. Segundo o Evangelho, em Cristo e por meio de Cristo, o homem é colocado numa posição privilegiada diante de Deus, volta a gozar os benefícios daquela comunhão que manteve com o Criador antes da queda. Quem restaura o homem, quem o faz voltar de novo à primitiva posição, não são, primàriamente, as doutrinas ou os dogmas, mas Cristo, a Palavra Viva, o Verbo Redentor! As doutrinas são necessárias, mas devem ser sempre observadas à luz da Palavra Viva, porque, dissociadas desta Palavra, elas forjam, elas criam a religião de palavras!

---

(1) La Rebelião de las Masas, págs. 5-6.

(2) Idem, Idem, pág. 6.

———)•(———

PRINCÍPIOS IMORTAIS DE CONVIVÊNCIA FAMILIAR

"Mulheres, adaptai-vos a vossos maridos, para que o vosso casamento seja uma unidade cristã. Maridos, assegurai-vos de que estais dando a vossas mulheres muito amor e simpatia. Filhos, o vosso dever é obedecer a vossos pais, pois em vossa idade é essa uma das melhores coisas que podeis fazer para mostrar vosso amor a Deus. Pais, não deveis sobrecarregar vossos filhos com correções para que êles não desenvolvam um sentimento de inferioridade e frustração".

Paulo aos Colossenses

FALSA PRÉDICA

KARL BARTH

O falso profeta é o pastor que agrada a todo mundo. Seu dever é dar testemunho de Deus, mas êle não vê a Deus e prefere não o ver porque vê muitas outras coisas. Êle segue seus pensamentos humanos, conserva-se interiormente calmo e seguro, evita hàbilmente tudo quanto incomoda. Não espera senão poucas coisas ou mesmo nada da parte de Deus. Êle pode calar-se mesmo quando vê homens atravancando seus caminhos de pensamentos, de opiniões, de cálculos e de sonhos falsos, porque êles querem viver sem Deus. Êle se retira sempre quando devia avançar. Êle se compraz em ser chamado pregador do evangelho, condutor espiritual e servidor de Deus; mas só serve os homens. Sonha, às vêzes, que fala em nome de Deus; mas não fala a não ser em nome da Igreja, da opinião pública, das pessoas respeitáveis e da sua pequena pessoa. Êle sabe que, desde agora e para sempre, os caminhos que não começam em Deus não são caminhos verdadeiros, mas êle não quer incomodar nem a si mesmo e nem aos outros; por isso é que êle pensa e diz: "Continuemos prudentemente e sempre alegres em nosso caminho atual; as coisas se arranjarão afinal." Êle sabe que Deus quer tirar os homens da impiedade e que a luta espiritual deve ser travada. No entanto êle prega a "paz", a paz entre Deus e o mundo perdido que está em nós e fora de nós. Como se uma tal paz existisse! Êle sabe que seu dever consiste em proclamar que Deus cria uma nova vontade, uma nova vida; mas não, êle deixa reinar o espírito do mêdo, do engano, da vaidade, de Mamon, da violência. Eis a muralha construída pelo povo (Ezequiel XIII:10). O muro oscilante e rachado. Êle o disfarça pintando de cores suaves e consoladoras da religião para o contentamento de todo mundo. Eis aí o falso profeta.

("Christianisme Social", outubro de 1958)

A VERDADEIRA VIDA CRISTÃ

Não há dúvida de que a vida cristã verdadeira, seja pública ou secreta, sempre é fecunda e, onde quer que seja, essa vida terá influência sôbre os outros para o bem. Os que buscam a verdade ao contemplar a realidade de vidas tais como essas, inevitàvelmente serão atraídos à Fonte da Vida.

Considerem êstes exemplos. Uma vez, dois pregadores foram ao Bar para pregar aos homens que ali estavam. O primeiro era brilhante e eloqüente. Depois de pregar por alguns minutos, um hindu começou a bombardeá-lo com uma série de perguntas que o obrigaram a calar-se a fim de respondê-las, o que não conseguiu fazer a contento. Por fim, não tendo satisfeito ao perguntador, voltou-se para o seu companheiro e disse: agora êste irmão responderá! O segundo pregador não era nem um bom orador nem bom argumentador, mas era um sincero cristão e um homem de oração. O hindu, aproximando-se, cruzou as mãos, inclinou-se ante êle, fêz-lhe uma reverência e, dirigindo-se ao primeiro pregador, disse: não tenho nenhuma pergunta aazer a êste homem pois conheço sua vida e vi nela o Cristo, pois, encontrei, por seu intermédio, o caminho da Salvação. Mas estou de acôrdo com você, porque com suas palavras você apresenta o Cristo vivo, mas com sua vida diária o nega. Mas valeria que sua bôca estivesse sempre fechada, pois que a mim e aos outros nos afastou de Cristo. Oxalá que houvesse conhceido seu companheiro há mais tempo, e então eu não teria estado tão longe do meu Senhor por tanto tempo. Bem, "Der aid da ust áid" (Quem chega devagar chega seguro). Também nisso deve haver algum bom propósito. Ao ouvir isso o pregador eloqüente partiu para casa com a cabeça baixa, envergonhado, e o novo convertido se pôs ao lado daquele homem de Deus e passou a dedicar sua vida ao serviço do Senhor.

Sundar Sing

CURIOSIDADES BIOGRÁFICAS

EDGAR POE

E' um dos gênios mais brilhantes da literatura universal. No entanto, sua vida é saturada de experiências as mais dramáticas. Teve que sair da Universidade de Virgínia por causa da sua paixão pelo jôgo e pelo álcool. Foi expulso da Escola Militar de West Point porque, desrespeitando as regras daquele estabelecimento, dedicava-se a escrever poesias nas horas em que devia estar nos exercícios militares.

Ficou órfão muito cedo. Foi adotado por um rico negociante. Êsse, finalmente, revoltou-se contra seu filho adotivo. Passou a espancá-lo, expulsou-o de casa, deserdou-o e recusou-se a prestar-lhe qualquer auxílio financeiro.

A história do casamento de Edgar Poe é uma das mais românticas da literatura. Casou-se com a sua prima Virgínia Klem. Não tinha dinheiro algum naquele tempo. Bebia álcool puro. Sua única irmã morrera louca. Muita gente o considerava também louco. Tinha o dôbro da idade da sua jovem espôsa. Êle estava com 26 anos e ela com 13. Segundo tôdas as previsões, o casamento terminaria em desastre, mas não aconteceu isso. Foi um romance que se extendeu por tôda vida. Parece que Poe adorava sua jovem espôsa. O amor que lhe dedicava inspirou algumas das poesias mais belas da língua inglêsa. Um dos poemas que escreveu é elogiado sem reservas pelos críticos literários. Intitula-se O CÔRVO. Temos dêle ótima tradução feita por Machado de Assis. A última estrofe reflete a angústia permanente que acompanhava o poeta. Diz assim:

E o côrvo aí fica; ei-lo trepado
No branco mármore lavrado
Da antiga Palas; ei-lo imitável, ferrenho,
Parece, ao vêr-lhe o duro cenho,

Um demônio sonhado. A luz caída
Do lampeão sôbre a ave aborrecida
No chão espraia a triste sombra; e fora
Daquelas linhas funerais
Que flutuam no chão, a minha alma chora.

Gastou êle escrevendo e reescrevendo o poema O CÔRVO, dez anos. Depois vendeu o original por dez dólares. Um ano para cada dólar.

João Barrymor, o famoso astro cinematográfico, ganhava mais do que isso em um minuto de trabalho. O manuscrito original só custou dez dólares, mas foi recentemente vendido por dezenas de milhares de dólares. Coisa estranha. Enquanto o autor estava vivo e passando fome só lhe deram aquela quantia pequena e agora depois de morto seu trabalho rende uma fortuna.

O poeta viveu numa casa pequenina em Nova York, cercada de macieiras. Isso há cêrca de cem anos. Alugou-a por três dólares mensais, mas não conseguiu pagar nem essa quantia.

Sua espôsa ficou tuberculosa. Êle não podia comprar alimentação para ela. Às vêzes comeram aquela flôr que se chama "dente de leão", apenas fervida. Quando os vizinhos descobriram a situação em que estava aquela pobre família, trataram de socorrê-la. O admirável é que mesmo nessa situação o casalzinho vivia na mais sincera amizade. Os últimos dias de Virgínia ela os passou num colchão de palha, sem lençóis e sem cobertor para aquecer-se . Quando ficava muito irregelada, Poe lhe esfregava os pés para aquecê-los e a mão de Virgínia lhe esfregava as mãos. Um velho capote militar que o poeta usara quando estava em West Point, era colocado sôbre a enfêrma e ela acariciava um gato para que êle lhe dormisse aos pés.

Quando Virgínia morreu, Poe compôs algumas das poesias mais sentimentais da sua vida. Êsse é um caso em que as mais duras provações da vida não conseguiram desfazer o afeto que fascinou duas almas.

NICOLAU II

Êle era um dos homens mais ricos que a Europa já conheceu. Quando morreu possuia terras que valiam cinqüenta milhões de dólares. Suas jóias foram avaliadas em oitenta milhões. De tudo isso tirava êle um milhão por mês. Isso corresponde a vinte quatro dólares por segundo.

Durante quase um quarto de século, êle governou a Rússia com mão de ferro. Em 1917, depois de três anos de morticínios inúteis, seu

exército se revoltou recusando-se a prosseguir em massacres horripilantes. Assim foi que, no dia 14 de março de 1917, um grupo de generais procurou o Tzar da Rússia no seu aposento particular de um trem especial e declarou-lhe que êle tinha que renunciar ao trono. O Tzar levou um choque terrível. Tornou-se lívido. Os generais pensaram que êle ia morrer num desmaio naquele momento.

No próximo dia, às 11,15, êle assinou sua abdicação a lápis e disse: "Dou graças a Deus porque de hoje em diante poderei viver como sempre desejei, em minha casa, na Criméia, cultivando flores.

O Tzar e sua família passaram os últimos meses de vida em dois quartos numa casa velha em um bairro de uma cidade que fica ao pé de um monte. Ali esteve como prisioneiro dos revolucionários e era obrigado a comer com os camponeses. Não lhe davam nem açúcar, nem café, nem creme, nem sal e nem manteiga. Só se alimentava com pão prêto, sôpa de vegetais muito rala, duas vêzes por dia. As janelas da casa ficavam fechadas e os prisioneiros não podiam abrí-las. Um dia a mais jovem princeza, Anastácia, abriu um pouco a janela para respirar. Um soldado alvejou a janela imediatamente. A família do Tzar tinha licença de andar no jardim minúsculo cinco minutos por dia. O filho menor do Tzar estava muito doente. Não podia andar e o pai o corregava nos braços. Os soldados que os guardavam andavam por ali quase que nús e diziam gracejos inconvenientes ao Tzar, e cantavam canticos indecorosos junto às janelas durante a noite. Um dia um dos guardas apoderou-se de uma bolsa da imperatriz, tomou o dinheiro que ali estava e disse-lhe: "Vós não precisareis mais de dinheiro de ora em diante".

O Tzar era um homem fraco e não se lastimava. Mas sua espôsa, dotada de espírito muito arrogante, fazia votos ao céu para que um dia pudesse vingar-se daqueles animais.

Logo depois da meio noite, no dia 16 de julho de 1918 o capitão dos guardas acordou o Tzar e disse-lhe que rebentara uma revolução na cidade e que êles deviam esconder-se depressa num celeiro e esperar até que os automóveis viessem buscá-los para pô-los em lugar seguro. Quando a imperatriz chegou ao celeiro, uma casa imunda coberta de teias de aranha, carregando o seu filho pequeno e doente, quiseram dar-lhe uma codeira porque ela estava desmaiando.

Justamente nesse instante, entraram correndo alguns soldados e gritaram: "Vossos amigos fizeram o possível para salvar-nos mas não conseguiram. Nós aqui estamos para vos matar. Mal acabaram de pronunciar essas palavras um soldado alvejou Tzar e o feriu bem no coração. No instante em que êle caiu os soldados começaram atirar nas

mulheres mas por estarem muito excitados, erraram os alvos várias vêzes. Então as pobres mulheres corriam em tôda a direção tentando esconder-se umas atraz das outras e procurando mesmo ocultar-se atrás dos travesseiros. Além de atirar os soldados apunhalaram as mulheres. Poucos minutos depois o único som que se ouvia naquele sinistro local era o ladrar de um cãozinho que ia de cadáver a cadáver naturalmente procurando encontrar o da sua dona. Um dos soldados atravessou o pobre animal com sua baioneta. A soldadesca, então, cortou os corpos da família imperial em pedaços atirou gazolina sôbre êles e os queimou,.

Poucos dias mais tarde os soldados revolvendo as cinzas do local acharam muitas pedras preciosas. E' que a imperatriz e suas filhas tinham escondidos diamantes, rubis e jóias caríssimas em suas vestes.

Êsse assassinato não foi ordenado oficialmente pelo govêrno russo. Êsse chegou mesmo a prender alguns soldados revolucionários e executou cinco dêles. O morticínio da família imperial foi um impulso de vingança de pessoas que decerto haviam sofrido muito sob o despotismo cesarista.

Os carbonizados restos da família imperial estão agora enterrados em Paris. Como foram parar lá? Em janeiro de 1920, o Cônsul Americano na Sibéria, a pedido de um amigo, transportou uma caixa rústica atada com cordas e a levou até um comissário britânico, em Changai. Êsse a encaminhou à Europa. O Consul Americano não sabia o que estava dnetro daquela caixa. Como o trem em que viajou era muito incômodo, muitas vêzes pôs os pés sôbre ela para descançar. Quando chegou ao fim da viagem, ficou surpreendido sabendo que ali estavam, mutilados e carbonizados, os restos do Tzar e da sua família. A caixa foi levada até Changai e de lá para Paris. Aí foi aberta. Entre outras coisas encontraram dentro dela o dedo da imperatriz que estava ainda com o anel de casamento.

INABILIDADE FINANCEIRA

O leitor porventura já investiu dinheiro em algum empreendimento que fracassou? Se isso lhe aconteceu, saiba que muita gente de grande renome sentiu os desgostos que uma experiência dessa pode produzir. Eis alguns exemplos.

Mark Twain tinha talento suficiente para fazer a humanidade rir. Mas fracassava no mundo financeiro, lastimàvelmente. O pior é que não reconhecendo a sua deficiência, empatou dinheiro em várias invenções. Eram de máquinas que, segundo êle julgava, iriam revolucionar a indústria gráfica. Depois de fazer várias tentativas nesse sentido,

verificou que tinha perdido nesses empreendimentos cêrca de cem mil dólares. Ficou de tal forma empobrecido que, certa ocasião vendeu os móveis da sua casa ficando apenas com o fogão. Mas a experiência lhe foi útil. Quando estava nessa triste situação os seus amigos do país inteiro lhe ofereceram dinheiro para pagar as dívidas. Apareceram cheques de tôda parte mas êle, já transformado pelas experiências duras que tivera, devolveu todo o dinheiro que lhe foi oferecido e lutou heròicamente para pagar, por si mesmo tudo o que devia. Não gostava de fazer conferências mas viajou por tôda parte onde se fala inglês, vivendo em hotéis e sujeitando-se a todo o desconfôrto. Nisso gastou seis anos da sua vida fazendo conferências. Assim, saldou todos os seus débitos.

O general Grant, depois de sair vencedor da Guerra Civil, foi procurado por alguns aventureiros que quiseram negociar com êle. Usando do nome do general, êsses velhacos levantaram dinheiro por tôda parte num total de dezesseis milhões de dólares. Veio logo a ameaça da falência. Para não ser envolvido nela, Grant vendeu uma fazenda que tinha, as casas que possuia em Filadélfia e Nova York e mesmo a espada e os trofeus que constituiam os mais caros presentes dos seus amigos.

Ainda assim ficou em penúria, justamente no momento em que um câncer lhe dominava o organismo. Nessas condições êle escreveu as memórias da sua vida. Fêz isso para não deixar a viúva sem recursos. O câncer era na garganta. Em dado momento êle não pôde mais ditar e terminou a obra, escrevendo-a a lápis. Coisa curiosa. Foi precisamente Mark Twain que, já refeito dos seus insucessos financeiros, publicou o livro de Grant e isso levou às mãos da viúva do grande general quase meio milhão de dólares.

O grande Daniel Webster uma vez ficou em apuros por não poder saldar a conta com o açougueiro. Oliver Goldsmith, o famoso novelista inglês certa ocasião foi prêso porque não pôde pagar o aluguel do quarto. Balsac sentia arrepios quando tocavam a campainha da sua casa. Quase sempre era algum credor.

Carlos II, rei da Inglaterra, individou-se tanto que teve que vender tôdas as terras que possuia nos Estados Unidos, e que hoje constitui o estado de Pensilvânia, por setenta e cinco mil dólares.

A viúva de Abraão Lincoln contraiu tantas dívidas que teve de vender suas roupas e jóias preciosas para livrar-se dos seus compromissos. Coisa pior: vendeu até as camizas de Lincoln, que tinham as iniciais dêle gravadas com arte.

Brummel foi uma influência social na vida da Inglaterra. Ensinou elegância ao príncipe de Gales e projetou-se nas altas camadas do país

como símbolo da elgância. No fim da vida, sobrecarregado de dívidas, usava vestes rôtas, roupa imunda e era ridicularizado por todos quantos o consideravam outrora como o rei da elegância. Morreu, afinal, num asilo de loucos.

Não resta dúvida de que a arte de organizar bem as finanças particulares tem importância capital na vida humana.

GENERAL MARK CLARK

Na última guerra mundial foi êle o conquistador de Roma. Desembarcando em Salerno, no dia 11 de setembro de 1943, levou a cabo uma das mais difíceis operações de tôda a guerra. Churchill declarou que a operação anfíbia foi a maior que os aliados empreenderam. Eis o que seu filho disse a respeito dêle: "Papai nunca teve um inimigo na vida. Pode enfurecer-se com um homem, pode aborrecer-se por algo mal feito; mas não fica odiando o homem em si". Para comprovar êste ponto, Bill contou a seguinte história: "Papai", disse, "deu-me certa vez, como presente de aniversário, um belo relógio de ouro. Um ano ou tanto mais tarde alguém o roubou de meu paletó, no ginásio. Estávamos estacionados nessa ocasião no Forte Lewis, em Washington. Papai manteve as lojas de penhor das cidades vizinhas sob constante observação. O ladrão foi apanhado quando queria empenhar o relógio. Papai procedeu as acusações de forma. Isto significava que seria julgado por uma côrte marcial e expulso do exército com baixa desonrosa. Êle sabia que uma exoneração dessa espécie era uma mancha preta que acompanharia o homem até a sepultura, e seu coração não dava para tanto; retirou as acusações e disse ao comandante da companhia daquele soldado que resolvesse o caso como achasse melhor".

O General já esteve no Brasil. Na Itália nossas fôrças lutaram no setor comandado por êle. Eis um traço bem característico dêsse grande homem, escrito por um escritor contemporâneo."

O General Clark é um homem modesto. Nunca se vangloria de seus feitos. Certo dia Bill Clark, seu filho, estava no quarto de seu pai quando êste trocava de roupa. Ficou surpreendido em ver uma enorme cicatriz nas costas de seu pai — uma cicatriz com vinte centímetros de comprimento e larga como um dedo. Ficou surpreendido porque o general nunca a mencionara. Quando indagou sôbre ela, replicou casualmente, "Oh, fui ferido por um estilhaço na última guerra". Foi tudo, não deu detalhes nem contou bravatas. Bill só veio a saber a história daquela cicatriz seis meses mais tarde. Revolvendo umas velharias no sotão, descobriu que seu pai fôra condecorado e recebera uma citação

por bravura em combate. Quando seu filho Clark lhe entregou, certa vez, um boletim da escola com média 99, seu pai perguntou-lhe se estava satisfeito. "Sim, e o senhor?" O general respondeu: "Bem, não é 100, não é? Bill replicou: "Papai, o senhor não ficaria satisfeito com menos de 110".

O PLANO RAPACKI

"Um raio de luz na escuridão. Em dezembro de 1957, o ministro do Exterior da Polônia, Rapacki, (por sua própria conta e não, como se queria supor, por incumbência da União Soviética), fêz a proposta de que a Polônia, a Tchecoslováquia, a Alemanha Oriental e a Ocidental deveriam ficar fora do alcance das armas atômicas. Se êsse plano fôr aceito e em conseqüência fôr aucentada ainda a área livre da ação das armas nucleares na Europa, de modo que países limítrofes também reivindiquem para si êsse privilégio e o consigam, então muito se conseguirá com isso para a manutenção provisória da paz. Começa-se assim a afugentar o espectro do isolamento da União Soviética.

"Com essa proposta tão sensata, a opinião pública européia está plenamente de acôrdo. Nos últimos meses, ela reconheceu e decidiu que a Europa não deve absolutamente tornar-se o campo de batalha de uma guerra atômica entre a União Soviética e os Estados Unidos. E ela não se deixará dissuadir. Passou o tempo em que êste ou aquêle país europeu ainda podia planejar em segrêdo, manifestar sua categoria de grande potência pelo fato de fabricar armas atômicas para si próprio. Em vista da posição que a opinião pública da Europa tomaria diante de uma tal iniciativa, seria inútil proceder a preparatórios secretos para a sua realização.

"Passou igualmente o tempo em que os generais da NATO e os governos decidissem sòzinhos sôbre a instalação de rampas de lançamento e armazenagem de armas atômicas. Em vista do perigo de uma guerra atômica, que poderia desencadear-se em conseqüência, não mais é levado em conta o procedimento político até agora usado. Só são validos os acordos que sejam sancionados como tais pelos povos."

PÁGINAS FINAIS

SINAIS PERIGOSOS

L. B.

O govêrno acaba de elevar os níveis do salário mínimo em todo o país. Como sempre acontece, essa medida veio tarde. Tornou-se uma medida inócua, porque os preços de todos os gêneros foram aumentados muito além da capacidade econômica das classes desfavorecidas.

Em face dessa medida governamental, os grupos industriais começaram a sua política de economia, dispensando operários e trabalhadores de todos os níveis. No Rio de Janeiro foram dispensados, dias após a publicação do decreto governamental, 50.000 *operários. Em S. Paulo, calcula-se que haverá, dentro de poucas semanas,* 100.000 *desempregados. Começou, ou melhor, recomeçou a onda de desempregos. Para a economia nacional isso representa uma redução danosa. Cairá a produção e, em conseqüência, haverá nova onda de umento de preços. Mas o sacrifício mais grave recai sôbre êsses operários e sôbre suas famílias. Famílias numerosas — pois um operário obedece à natureza e a Deus, e não usa recursos ilícitos e imorais na limitação de filhos — vão padecer necessidades por alguns meses até que seus chefes consigam um novo emprêgo, e sempre em situação inferior. Crianças vão passar fome, sujeitas às moléstias naturais e conhecidas. A tristeza e pranto voltarão ao recinto dêsses humildes lares.*

Mas, por estranho que pareça, o mais grave de tudo isso é que as elites brasileiras não têm capacidade de liderança e não estão

à altura de pôr um fim a êsse regime vergonhoso. Os donos do poder econômico nunca perdem, não podem perder em suas rendas. Êles são incapazes de ajudar a nação e o operário, de que dependem, a solucionar êsse gravíssimo problema que gira dentro de um círculo vicioso. A ganância não lhes permite fazer um pequeno sacrifício: o sacrifício de ganhar um pouco menos. Não. Pouco lhes importa que milhares de famílias fiquem, de uma hora para outra, desamparadas do fundamental à sobrevivência digna. Pouco lhes importa que crianças venham a morrer de fome ou que perambulam pelas ruas implorando socorro à caridade pública. Êsses problemas não lhes passam pela consciência. Na verdade, êles não têm consciência para isso.

Êsse é o espetáculo triste e vergonhoso a que assistimos novamente. O leitor perguntará: que é que tem o cristianismo a ver com isso? Que é que tem o cristianismo a ver com isso? — é a pergunta que também fazemos à nossa consciência cristã. Nós somos cristãos e estamos convencidos de que a solução dêsse problema está na dependência de uma séria atitude dos brasileiros: a aceitação de Cristo como Salvador pessoal de todos os brasileiros. Mas os nossos dirigentes não pensam em tomar tal atitude, pois isso haveria de contrariar, fundamentalmente, seus interêsses. As classes operárias, por sua vez, não acreditam mais nesse tipo de cristianismo que não se interessa pelas suas necessidades básicas — as necessidades do almiento, do calçado, do vestido, do abrigo modesto, do direito à educação, da dignidade de viver. Nós ficamos tranqüilos porque apontamos a solução definitiva, as elites e os operários não aceitam essa solução pelas razões apontadas, e os problemas continuam a agravar-se.

Mas há alguém que está à espera de uma oportunidade para dar a sua solução definitiva a êsse problema. Se as coisas continuarem dêsse modo, os comunistas vão tomar o poder no Brasil. Chegará a vez de o Brasil cair nas mãos dos comunistas, como aconteceu com a China. Êles porão fim a essa situação vergonhosa. Os operários serão transformados em escravos do Estado, mas terão

pão e abrigo, e as elites irão para os campos de fusilamento ou de trabalhos forçados. Nós perderemos a liberdade e as esperanças, e o direito a uma vida decente e digna, como entendemos.

As classes dirigentes, as elites, pomposa e impròpriamente denominadas "as classes produtoras" (classes produtoras são as classes operárias), são agentes do comunismo internacional e totalitário. Essas classes, que detêm o poder no Brasil, estão criando as condições para a implatação do comunismo no Brasil, direitinho, à semelhança do que fizeram as classes "produtoras" da China e de outros países. As elites dirigentes do país são comunistas contra a sua vontade.

Vamos dar ao leitor outro exemplo de como se processa a decomposição do Brasil. Quem abre os jornais, sobretudo nas edições de domingo, fica revoltado com as exibições de luxo, pompa e miséria moral, das elites, das "classes produtoras". Há um jornal considerado sério, aqui em São Paulo, que publica duas seções, de oito páginas cada uma, dedicadas exclusivamente às "classes produtoras". Senhoras e Senhores graves ali aparecem, numa parada de super-luxo, de pompa, de miséria moral. Que a classe dirigente exiba, nas páginas dos jornais, sua miséria moral e seu sentido fútil da vida, é já um triste espetáculo para um povo pobre e necessitado de tudo; mas, tolera-se, desde que estamos em um regime democrático no qual cada um tem o direito de mostrar-se como é. Mas é intolerável que essa classe dirigente pretenda fazer "caridade" à custa da miséria do povo. Pois a classe dirigente procura justificar, cristãmente seu luxo, sua pompa e sua miséria moral, organizando festinhas em favor de um pôsto de assistência à infância, de um orfanato, de um sanatório, ou de um clube de futebol qualquer. Isso é um insulto à desgraça, ao sofrimento e à miséria da maioria.

Será possível evitar uma desgraça fatal ao Brasil? E' possível. Tudo depende de uma ação conjunta, decidida e corajosa dos verdadeiros cristãos. Uma ação sôbre o govêrno, seus departamentos

competentes, sôbre as casas legislativas, uma ação de esclarecimento e politização do povo, uma ação de vigilância e de crítica. Isso dá resultado.

Ou tomamos essa resolução, ou corremos o risco de perder a missão divina de que estamos revestidos.

Uma ação dêsse tipo requer coragem. Coragem para ser cristão em um mundo sem Cristo e sem Deus. Coragem para ter fé, em um mundo incrédulo. Coragem para manter a esperança de dias melhores em um mundo no qual todos perderam a esperança. E' preciso ter coragem de ser cristão. Mas, se nós nos consideramos realmente cristãos, isso significa que Jesus nos chama para dar testemunho da fôrça e da superioridade do seu programa e do seu Reino. Estamos nós à altura dêsse momento decisivo?

HISTÓRIA GERAL DA BÍBLIA — Comentário
Galdino Moreira — Broch. Cr$ 250,00
e
Jorge Lyra — Enc. Fina Cr$ 350,00

É a obra mais importante para dar uma visão geral da Biblia: Do Gênesis ao Apocalipse.

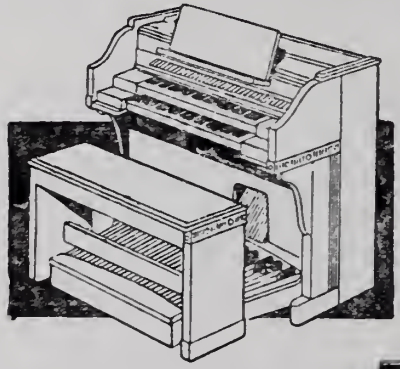
NO PRELO

CATOLICISMO ROMANO
Autor: Jorge Lyra
Prefácio: Galdino Moreira

Réplica ao livro "Aos Irmãos Separados" do professor Eurípedes Cardoso de Meneses.

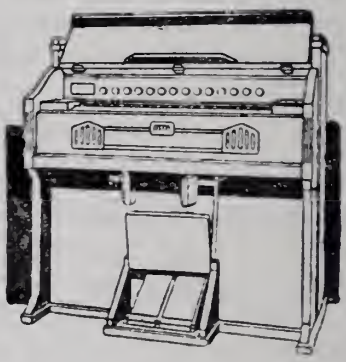
Pedidos ao Autor.
Rua Gal. Andrade Neves, 51 — NITERÓI — Tel. 27-637

HARMONIUNS, ORGÃOS



de Tubos
e
Eletrônicos
para
IGREJAS
ESCOLAS
LARES

Venha escolher entre 20 modelos diferentes, o de sua preferência e estamos certos de que suas qualidades satisfarão aos mais exigentes. E quanto a preços - são os mais atrativos para qualquer bolsa.



ASSAI ☆ BOHN ☆ PETROF ☆ HAMMOND

quatro marcas que atingiram o pináculo em sua especialidade.

ESCREVA-NOS AINDA HOJE SOLICITANDO CATALOGOS

MUSICAS E INSTRUMENTAIS

CASA **Manon** S A

R. 24 DE MAIO, 242 • C. POSTAL 568 • S. PAULO

Para Você

RESERVE AGORA O SEU

EXEMPLAR DO LIVRO

JESUS CRISTO

MIGUEL RIZZO

Caixa postal, 7.203

CAPITAL — São Paulo

Joalheria Holanda

Uma organização de evangélicos para servir aos evangélicos.

Executa-se qualquer serviço em ouro, platina e pedras preciosas.

Fabricação própria de jóias e relógios.

Limpesa, concerto e regulagem de relógios em poucos minutos com garantia de 5 anos.

Os melhores preços da praça. Visite-nos

Rua Barão de Itapetininga, 120 — 7.º andar, salas 714/5 — Telefone: 36-1915.

Responsáveis: IOMAR e DANIEL

DR. SALVADOR FARINA FILHO

ADVOGADO

Ministro do Evangelho

Escritório:
Atende-se das 10 às 12 horas
Praça da Sé, 371 — 3.º andar, s/316
Telefone: 33-9052
São Paulo — Capital

Residência:
Rua Talhado n.º 16
Travessa — casa 5
Ônibus 122
São Paulo — Capital

ATENÇÃO

Faça seu terno Sob Medida e pague em 10 pagamentos — Confecções finas para Homens — Variado sortimento e um completo mostruário de tecidos de tôdas as procedências.

ALFAIATARIA IMPERIAL

Sátilas Pires do Amaral

Rua Rubino de Oliveira, 83 S/Loja — Sala 1
Fone: 9-7252 (Chamar) — São Paulo

DR. ÂNGELO FARINA

CIRURGIÃO DENTISTA

Ministro do Evangelho

CONSULTÓRIO: Praça da Sé.

Rua Barão de Paranapiacaba, 25 — 6.º andar — Conj. 2.
Das 9 às 11,30 e das 13 às 19 horas

DR. NEWTON DE BARROS MADUREIRA

CIRURGIÃO DENTISTA

Moléstias da bôca — Tratamento Clínico e Cirúrgico — Reabilitação oral.

Consultas: Das 9 às 12 e das 14 às 20 horas
Rua General Jardim, 228, Apto. 22 — Tel. 34-4697 — S. PAULO

DRA. JUNIA MARINS DA SILVEIRA

—— Moléstias de Senhoras, partos e operações ——

Consultório: Rua 7 de Abril, 118 - 6.º - conj. 602 — Fone: 32-9664
SÃO PAULO

ÚLTIMAS NOVIDADES

HARSANYI, Zsolt — **A vida de Galileu** (O contemplador de Estrêlas) 590 págs. Broch. Cr$ 150,00.

HERMANN, Paul — **A conquista do mundo** (História das primeiras descobertas e explorações) Broch. 380 págs. Cr$ 160,00.

KELLER, Werner — **E a Bíblia tinha razão...** (Os arqueólogos arrancam às dunas do deserto os testemunhos da verdade das histórias bíblicas) 367 págs. Broch. Cr$ 160,00.

LA SAINTE BIBLE traduite en français sous la direction de l'Ecole Biblique de Jérusalem. Com Intr. e Notas. Enc. Cr$ 470,00.

LE JOURNAL DU MONDE (A história do mundo em forma de jornal) 52 N.os, 1.500 artigos, 800 ilustrações. Br. 210 págs., 1 vol., tamanho grande, Cr$ 360,00.

PEALE, Norman Vincent — **O Poder do pensamento positivo** — 271 págs. Broch. Cr$ 90,00.

QUEIROZ, Erodice — **Porque deixei a indústria do crime** (Narrativa de Narciso Lemos de Almeida) 113 págs. Broch. Cr$ 50,00.

SHOLEM, Asch — **O Profeta** — 339 págs. Broch. Cr$ 120,00.

STANLEY JONES — **O Caminho** (Meditações diárias) 364 págs. Broch. Cr$ 120,00.

TEIXEIRA, Rev. Alfredo Borges — **Dogmática Evangélica** — 334 págs. Broch. Cr$ 150,00.

Variado estoque de **Bíblias e Novo Testamento.**

Pedidos à LIVRARIA INTERNACIONAL
Rua Líbero Badaró, 92 — And. 7
Fone 32-1225 — Caixa Postal 1405 SÃO PAULO — BRASIL

Peça o livro que quiser e nós lhe enviaremos pela volta do correio. Você só paga quando receber a encomenda.

——)•(——

Serviço de Reembôlso Postal da LIVROBRÁS LTDA.
Rua 1.º de Março, 110 — 4.º andar — Rio de Janeiro

——)•(——

A título de sugestão, recomendamos:
"...E A BÍBLIA TINHA RAZÃO"
o livro mais famoso da atualidade
Encadernação de luxo — Preço: Cr$ 290,00

INDICADOR PROFISSIONAL

Escritórrio de ADVOCACIA

DR. AGUINALDO COSTA

(Professor Catedrático da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro
— Docente livre da Fac. Nacional de Direito)

Rua do Ouvidor, 69 - 3.º, s. 33 — Tels. 23-1089 e 27-5299

RIO DE JANEIRO

DRA. CARMEN ESCOBAR PIRES

MOLÉSTIAS DE SENHORAS

Consultório: RUA 7 DE ABRIL, 235 - Apto. 308 - Telefone 34-1605

SÃO PAULO

ÓTICA GARCIA

PRECISÃO, RAPIDEZ E PERFEIÇÃO

Sempre os mais modernos estilos de armações — Oficina própria para preparo de lentes — Preços sem concorrência e reais descontos para evangélicos

RUA SÃO BENTO, 484 — FONE 33-1377 — SÃO PAULO

AGORA TAMBÉM SEÇÃO DE JÓIAS, RELÓGIOS E BIJUTERIA

C. F. FRANCO ENGENHARIA Ltda.

ENGENHEIROS

CLOVIS F. FRANCO e *CARLOS F. FRANCO*

Av. Ipiranga, 1123, 8.º - conj. 803 — Fones 36-5137 e 35-4578

SÃO PAULO

DR. HÉLIO KERR NOGUEIRA

ADVOGADO

CIVEL — COMERCIAL — ORFANOLÓGICA — TRABALHISTA

ADVOCACIA EM GERAL

Escritório: Lgo. São Francisco, 181, 3.º andar, Salas 1 e 2
Fone 35-3311 — São Paulo

Suba os degraus dá cultura lendo bons livros!
A BÍBLIA
DIGNO É O CORDEIRO, de:
F. Sumers
DA CEIA do Senhor à
Transubstanciação, de
J. REIS Pereira
Compêndio de Arqueologia Bíblica
do Velho Testamento, de:
Edith Allen
Esbôço de TEOLOGIA
SISTEMÁTICA. de
A. B. LANGSTON
CASA PUBLICADORA BATISTA
FILIAL
Av. São João 816-820
S. Paulo.

INSTITUTO MACKENZIE

RUA MARIA ANTONIA, 403 —— SÃO PAULO

Em virtude do fato de o Auditório Rui Barbosa possuir apenas 1.650 cadeiras, não é possível realizar assembléias de todos os alunos do curso secundário de uma vez.

A fotografia fixa o aspecto de uma reunião de uma parte do Colégio (2.º ciclo) quando um dos professôres falava sôbre uma data cívica.

Composta e impressa na IMPRENSA METODISTA — São Bernardo do Campo - SP.

For use in library only

Princeton Theological Seminary Library

1 1012 01471 8813